



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**Eixo: história da educação, política e sociedade brasileira  
Linha: história e memória da educação**

**MODA E OS UNIFORMES ESCOLARES:  
ASPECTOS HISTÓRICOS DO FARDAMENTO ESCOLAR NO CEARÁ**

**EVELINE MARIA DE AZEVEDO SILVEIRA**

**FORTALEZA  
2016**

EVELINE MARIA DE AZEVEDO SILVEIRA

**MODA E OS UNIFORMES ESCOLARES:  
ASPECTOS HISTÓRICOS DO FARDAMENTO ESCOLAR NO CEARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Eixo: História da educação, política e sociedade brasileira.

Linha: História e memória da educação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

FORTALEZA  
2016

S587m Silveira, Eveline Maria de Azevedo.

Moda e os uniformes escolares: aspectos históricos do fardamento no Ceará  
/ Eveline Maria de Azevedo Silveira.  
x, 101 f: il.; 31 cm.

Orientador: Luis Távora Furtado Ribeiro.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará /  
Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação  
Brasileira, 2016.

Referências : f. 97-99.

1. Moda. 2. Uniformes escolares. 3. História. 4. Fardamento no Ceará. 5.  
Educação. 6. História e memória da educação – Dissertação. I. Ribeiro, Luis  
Távora Furtado. II. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,  
Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. III. Título.

EVELINE MARIA DE AZEVEDO SILVEIRA

MODA E OS UNIFORMES ESCOLARES:  
ASPECTOS HISTÓRICOS DO FARDAMENTO ESCOLAR NO CEARÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Professor Dr. Luis Tavora Furtado Ribeiro  
Orientador Didático

---

Professor Dr. Francisco Ari de Andrade  
Professor da Educação (UFC)

---

Professor Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Junior.  
Professor da Educação (UFC)

---

Professor Dra. Maria Claudia Bonadio  
Professora externa (UFJF)

Aos homens da minha vida, meu pai e meu marido:

A meu querido pai Erasmo, por sempre ser incentivador e torcedor do meu desenvolvimento acadêmico. Por me acompanhar nas pesquisas de campo deste trabalho, nas visitas as escolas e compartilhar comigo as valiosas memórias vivias no Liceu do Ceará.

A meu marido Rodrigo, por sempre me apoiar nos mais diversos desafios que me proponho a realizar. Por compreender minha ausência nos momentos que poderíamos ter estado juntos e foram substituídos por dias de estudo para uma melhor dedicação ao curso e a esta dissertação. Por sempre me ajudar e incentivar a ser uma pessoa e profissional melhor. Sem sua compreensão e apoio a concretização deste sonho não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Sinto-me realizada por conseguir chegar a concluir esta dissertação. Confesso ter sentido dificuldades, durante o período que cursei o mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, por este assunto nunca ter sido, antes, estudado e feito parte da minha vida estudantil. Ao estudar sobre educação e ensino conheci autores extraordinários que me fizeram perceber que a educação não é um assunto isolado no mundo, ele faz parte da construção de caráter do ser humano, traz perspectiva e pode mudar o futuro de inúmeras pessoas. Sim, a educação está presente nos mais diversos ambientes: em casa, no trabalho, na rua e na escola.

Chegar nesta reta final é um sonho realizado, foram diversas noites mal dormidas, muitas horas de estudo e dedicação a conhecer um universo totalmente diferente do meu, que é a moda, meu universo de estudo e trabalho.

Quero agradecer a Universidade Federal Do Ceará, principalmente aos professores do curso de Pós-graduação em Educação, pela receptividade e pelos conhecimentos compartilhados.

A meu querido orientador, professor Luís Távora, pela paciência e disponibilidade em tirar minhas dúvidas. Aos outros professores da banca, componentes desta banca, prof. Ari e prof. Elmo, sempre atenciosos e dispostos a ajudar. A querida professora Maria Claudia que, mesmo distante geograficamente, apontou os melhores caminhos a se seguir com esta dissertação.

Aos meus familiares e amigos, que me apoiaram durante todo o processo, tornando os dias dessa jornada mais leves e divertidos.

Aos meus colegas de curso Karina, Luzianny, Aline e Neto que compartilharam comigo seus conhecimentos e momentos de alegria vivenciados durante o curso.

Aos entrevistados nesta pesquisa, que disponibilizaram um pouco do seu tempo e compartilharam suas histórias e memórias que foram base para esta dissertação.

## RESUMO

Esta dissertação visou compreender como se desenvolveu o uso do uniforme escolar no Brasil e, principalmente, no Estado do Ceará. Para isso foram realizados estudos históricos, bibliográficos e iconográficos sobre o uso do fardamento escolar desde meados do século XIX até o final da década de 70 do século XX. A pesquisa visou abordar como foi estabelecido o uso do uniforme escolar, no Ceará, durante as décadas de 1940 até o final da década de 1970. A escolha deste período se deu, principalmente, por conseguirmos entrevistar ex-alunos que foram estudantes a partir da década de 1940. Durante a realização da pesquisa foi também possível compreender quais eram as simbologias de utilização do uniforme tanto para alunos quanto para sociedade em geral. Para uma melhor compreensão do tema foram escolhidas duas escolas que fizeram parte da história da educação no Estado do Ceará: o Colégio Liceu do Ceará e a Escola Normal do Ceará, ambas públicas mantidas pelo Governo do Estado. Através da história destas escolas, das entrevistas com ex-alunos da época e de conversas com funcionários da atualidade podemos conhecer como foi a história do uniforme escolar, durante o período estabelecido. Este trabalho revelou aspectos históricos do fardamento escolar no Ceará relacionando a moda e os uniformes das escolas cearenses, realizando também breve histórico da educação local.

**Palavras-chave:** Uniforme Escolar. Educação. Moda.

## **ABSTRACT**

This research aimed to understand how it developed the use of school uniform in Brazil and especially in the state of Ceará. For that they were conducted historical studies, bibliographic and iconographic on the use of school uniforms from the mid-nineteenth century to the end of the 70s of the twentieth century. The research aimed to address how the use of the school uniform was established in Ceará during the 1940s to the late 1970. The choice of this period was mainly, for we can interview former students who were students from the 1940s. During the research it was also possible to understand which were the uniform use of symbols both for students and for society in general. For a better understanding of the subject they were chosen two schools that were part of the history of education in the State of Ceará: the Ceará Lyceum College and Normal School of Ceará, both public maintained by the State Government. Throughout the history of these schools, interviews with former students of the time and conversations with today's employees can know as was the story of the school uniform during the set period. This work revealed historical aspects of school uniforms in Ceará relating to fashion and uniforms cearenses schools, performing also brief history of local education.

**Keywords:** School Uniform. Education. Fashion.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Traje Militar usado na Itália.....	23
Figura 2 - Saltério de São Luís: Abraão vencedor dos reis, c.1260-1270. ....	24
Figura 3 - Angelo Bronzino, Eleonora de Toledo e seu filho Fernando I, c.1550. ....	28
Figura 4 - Ticiano, Isabel de Portugal, mulher de Carlos V, c.1535. ....	28
Figura 5 - Armadura de cavaleiro do século XVI. ....	29
Figura 6 - Uniforme militar século XVII.....	32
Figura 7 - A Batalha de <i>Nördlingen</i> (1634).....	33
Figura 8 - Uniforme Militar francês - século XVIII. Jean Theurel. ....	37
Figura 9 - Evolução do uniforme militar nos séculos XVII, XVIII e XIX, na Itália.....	41
Figura 10 - Roupas de Bebê século XVI.....	42
Figura 11 - Roupas de Criança século XVI, Londres. ....	42
Figura 12 - Roupas das crianças século XVII.....	43
Figura 13 - Roupas das crianças no século XVIII.....	44
Figura 14 - Roupas de bebê século XIX. ....	45
Figura 15 - Menino com roupas de Marinheiro. ....	46
Figura 16 - Menina em roupas de marinheiro, 1897,.....	46
Figura 17 - Desenho dos uniformes de gala do Colégio Pedro II em 1855.....	51
Figura 18 - Alunas da Escola Primária do Rio de Janeiro, com a professora, em1901..	53
Figura 19 - Turma da Escola Normal de São Paulo .....	54
Figura 20 - Solenidade cívica com alunos do curso secundário e do curso de formação	59
Figura 21 - Comemoração dos 70 anos do Jardim de Infância .....	65
Figura 22 - Turma do jardim de infância do Colégio Caetano de Campos mesclando os uniformes antigos com os novos. ....	66
Figura 23 - Normalistas do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, 1969. ....	67
Figura 24 – O Liceu passou pela Santa Casa.....	71
Figura 25 – Praça dos Voluntários .....	72
Figura 26 – Praça Gustavo Barroso .....	72
Figura 27 - Uniforme Liceu - Década de 1940.....	75
Figura 28 - Garoto usando Bibico na cabeça- 1949. ....	76
Figura 29 - Uniforme Liceu- 1953 .....	76
Figura 30 - Manifestação de protesto pela morte de Flávio Lima da Silveira – 1966....	79
Figura 31 - Uniforme usado no final dos anos 1960 e início de 1970.....	79
Figura 32 - Prédio que abrigou a Escola Normal no século XX. ....	84
Figura 33 - Atual Escola Estadual Justiniano de Serpa. ....	84
Figura 34 - Fardamento Escola Normal do Ceará. ....	86
Figura 35 – Roupas para dia de evento .....	87
Figura 36 - Imagem das normalistas no ano de 1958 ou 1959.-.....	88
Figura 37 - Diploma de Normalista da década de 1960- frente.....	90
Figura 38 - Diploma de Normalista da década de 1960- verso. ....	90
Figura 39 - Anel de Formatura da Escola Normal do Ceará, 1969. ....	91
Figura 40 - Fotografia de 1967 nas Escadarias do Colégio Justiniano de Serpa.....	91
Figura 41 - Fardamento do Colégio Justiniano de Serpa em 1978.....	92

## SUMÁRIO

<b>1 MODA E OS UNIFORMES ESCOLARES NO CEARÁ.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UNIFORMES ESCOLARES NA HISTÓRIA E NO CEARA: JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E MÉTODO.....</b>	<b>14</b>
<b>3 MODA E UNIFORMES: HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIOLÓGICAS.....</b>	<b>18</b>
<b>4 O FARDAMENTO ESCOLAR NO BRASIL, PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.....</b>	<b>47</b>
<b>5 UNIFORME ESCOLAR NO CEARÁ.....</b>	<b>69</b>
<b>5.1 Breve Histórico da Escola Liceu do Ceará.....</b>	<b>70</b>
<i>5.1.1 Uniforme do Liceu do Ceará.....</i>	<i>73</i>
<b>5.2 Breve Histórico da Escola Normal do Ceará.....</b>	<b>81</b>
<i>5.2.1 Uniforme da Escola Normal.....</i>	<i>85</i>
<b>6 REVENDO A HISTORIA DO UNIFORME ESCOLAR.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE B - Ilustrações em Aquarela.....</b>	<b>101</b>

## 1 MODA E OS UNIFORMES ESCOLARES NO CEARÁ

O que há em comum entre a moda e os uniformes escolares? O quanto um influenciou o outro no decorrer da História da Educação no século XIX e XX? Estes questionamentos foram o ponto inicial para o desenvolvimento desta dissertação, que visou, também, estabelecer um diálogo entre a moda e os aspectos históricos da Educação no Brasil. Estabeleço aqui o século XIX porque, em minhas pesquisas segundo Furio Lonza (2005), esse século parece constituir a origem dos relatos históricos sobre fardamento escolar. Realizo aqui uma investigação a respeito da origem e da história do fardamento escolar no Ceará. Como me graduei em Design de Moda, no ano de 2011, na Universidade Federal do Ceará me interessei pelo tema quando me aproximei de leituras sobre a História da Educação. Por isso, no trabalho a seguir, busco pesquisar sobre a evolução do fardamento escolar relacionando aspectos gerais que vinculam história, educação e a história da educação, com a temática da moda como expressão social na escola.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi essencial compreender como se desenvolveu a história do uniforme escolar no nosso país e, mais especificamente, no Estado do Ceará. Para isso foram elencadas duas escolas que fizeram parte da história da educação no nosso estado e que foram consagradas pela qualidade de ensino durante a maior parte do século XX. A primeira delas foi o Liceu do Ceará, onde foi analisado o fardamento masculino. A segunda escola escolhida foi a Escola Normal do Ceará, por ser frequentada, exclusivamente, por meninas. Ambas as escolas foram os espaços por excelência desta pesquisa. A partir do estudo da história das duas escolas foi realizada uma análise de como elas resolveram adotar o uso do fardamento e como seguiu o desenvolvimento dessa indumentária durante os anos de 1940 até o final da década de 1970.

Infelizmente existem poucas referências bibliográficas sobre o assunto, fazendo com que a pesquisa de campo, neste caso, a história oral de ex-alunos e ex-alunas, se tornou o aporte teórico essencial para o desenvolvimento dessa dissertação, principalmente, por conhecerem como foram definidas as formas, os símbolos e as cores adotadas nos uniformes escolares. Além dos relatos dos entrevistados, fotos e artigos de livros, que relatam as memórias dos alunos e professores nas escolas escolhidas, serviram de instrumento para uma maior compreensão sobre o desenvolvimento do uniforme escolar no Ceará.

O trabalho foi dividido em quatro momentos: no primeiro deles foram apresentadas as justificativas, os objetivos e as metodologias usadas para o desenvolvimento da dissertação.

No segundo momento foi mostrado um breve estudo sobre como se desenvolveu o uso de uniformes, e se constatou que inicialmente os homens se vestiam uniformemente para as guerras, concluindo assim que o uso de uniformes se deu para unificar e identificar os exércitos. Em seguida relatamos um breve histórico da indumentária usada pelas crianças no decorrer dos séculos VII ao XX. Os uniformes infantis me parecem devem ter sido a antecipação histórica do que viria a ser os uniformes escolares, quando a escola básica se tornou uma escola de massa para as crianças. Esse estudo se revela de forma abrangente como preparação para a temática sobre uniformes escolares.

No terceiro momento contamos como se desenvolveu a História do uniforme escolar no Brasil desde o século XIX até a década de 1970. Nesse momento do trabalho mostramos as mudanças ocorridas no fardamento, o uso de diferentes tipos de tecidos adotados pelas escolas, principalmente, em consequência do desenvolvimento da indústria têxtil na década de 1960, as influências que moda usada na época causava no *design* dos uniformes escolares no período escolhido. Constatamos que o contexto social, político e econômico influenciou diretamente no uso e desenvolvimento dos uniformes escolares.

O quarto momento, resultado da pesquisa de campo e entrevistas, foi marcado pela compreensão da história dos uniformes escolares no Estado do Ceará. Através da memória e do relato de seis ex-alunos, três que estudaram no Liceu e três que estudaram na Escola Normal, pudemos compreender como se desenvolveu o uso, formas e *design* dos uniformes escolares das décadas de 1940 a 1970. Não somente as entrevistas e relatos foram decisivos para compreensão de como eram os uniformes da época, mas o uso de imagens foi primordial para certificarmos o que realmente ocorreu naquele período. Assim, retratamos as histórias vividas nas escolas Liceu e Normal do Ceará, e as representações que os uniformes dessas instituições trouxeram para as pessoas daquela sociedade.

Esse trabalho não ocorreria de tal forma sem o aporte bibliográfico essencial para a compreensão do objeto principal dessa dissertação. Assim os principais autores utilizados e que serviram de base para o aporte teórico da pesquisa, na área da moda, foram: Furio Lonza, Frédéric Godart, François Boucher, Gilles Lipovetsky, Lars Svendsen, Georg Simmel,

Malcolm Barnard, João Braga, entre outros. Na área da educação, comportamento e disciplina: Philippe Aries, Jacques Le Goff, Franco Cambi e Michel Foucault.

## **2 UNIFORMES ESCOLARES NA HISTÓRIA E NO CEARÁ: JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E MÉTODO**

Para compreender como ocorreu a implantação do uso do uniforme em escolas é necessário conhecer um pouco da história da humanidade, da infância e da educação. Desde a pré-história os homens perceberam que viver em grupo poderia ser uma forma de dar continuidade a sua existência. Cada tribo adquiriu hábitos de viver em determinados locais, pois o clima, a fauna e a flora foram fatores determinantes para influenciar na maneira de como as pessoas das tribos se agasalhavam.

Com o tempo, esses grupos e tribos passaram também a se identificar através de suas vestimentas: o tipo de animais de cada região moldou as roupas com as quais eles se defendiam do frio, do calor, da chuva, da neve ou cordeiros ou cabritos, por exemplo. (LONZA, 2005, p.16).

Com o passar do tempo, certos tipos materiais encontrados na natureza se tornaram símbolos representantes da vestimenta de determinadas tribos, ou seja, mesmo inconscientemente essas tribos estavam formando uma identidade através da daquilo que estavam usando, como afirma Furio Lonza (2005, p.16), “A estética era outra, as necessidades, os hábitos, a cultura seguiu caminhos que se bifurcaram de acordo com a tradição passada de geração a geração. Inconscientemente, elas se uniformizavam. E se fechavam em si mesmas, se defendiam de ataques das tribos rivais”.

O tempo passou, a humanidade evoluiu, os hábitos e costumes mudaram e as famílias passaram a viver de maneira civilizada. Mesmo assim, ainda há poucos séculos, as crianças eram tratadas de forma diferente de como são tratadas na atualidade.

No livro *História Social da Criança e da Família*, o autor Philippe Aries conta como as crianças de famílias desprovidas de recursos eram vistas pela sociedade medieval e como se dava seu processo de crescimento intelectual e moral. Para o autor, a educação, no período da Idade Média, não se deu sem resistência.

Reservada a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos. (ARIES, 1981, p.165).

Houve significativa mudança no trato das crianças do século XV ao século XX. No início do período citado, as crianças eram vistas como pequenos adultos desordeiros, indisciplinados e sem perspectiva de futuro, elas eram tratadas como pequenos adultos pelos próprios pais e pelas outras pessoas da sociedade. Hoje, a sociedade consolidou a construção do que entendemos como criança e de como as mesmas precisam ser desenvolvidas moral e intelectualmente dentro dos núcleos familiares e principalmente dentro das instituições educacionais.

É na escola que as crianças desenvolvem as principais atividades intelectuais e para que estas atividades sejam cumpridas, de forma mais eficaz, os uniformes assumem importante papel, pois através da escolha do tecido, das cores e do *design* do uniforme as crianças e os adolescentes têm a possibilidade de desenvolver melhor suas atividades dentro da escola de maneira mais segura. O uniforme mostra não somente qual a escola que o aluno estuda, mostra, também, o nível econômico da família, enfim, o quadro social e econômico do educando.

Para que fosse entendido como os uniformes escolares tornaram-se peças indispensáveis ao sistema educacional, foi necessário compreender o contexto histórico e social da época em que ele foi tornado obrigatório pelas escolas. Através desse contexto o uso desses uniformes passou a ter significado tanto para as pessoas que usam quanto para a sociedade. Para entender como se deu a implantação do uniforme escolar é necessário saber: Como eles surgiram? Qual a necessidade de usá-los nas instituições escolares? Quais significados o uso dessa vestimenta carrega? Se houve boa aceitação quando foi implantado?

Estes questionamentos serviram de estímulo para o desenvolvimento desse trabalho, pois através dele foi possível obter uma compreensão maior sobre a importância e significados que o uniforme escolar teve para a sociedade.

Empreender esforços para entender o uso dos uniformes escolares pressupõe, então, procurar indícios da história e da memória de uma dada instituição ou de um grupo, buscando desvendar os sentidos simbólicos que esse objeto adquiriu no universo escolar e social, desnaturalizando e historicizando seus usos. (RIBEIRO, 2012, p.577).

O período escolhido para a análise da história do uniforme escolar foi a partir da metade do século XIX até a década de 1970. E o período para análise do uniforme escolar no

Ceará foi a partir da década de 1940 até 1970, pois somente a partir desse período que foi possível entrevistar estudantes, da época, das escolas escolhidas.

Nesse sentido o objetivo desse trabalho é compreender aspectos da relação entre a moda e os uniformes escolares a partir do resgate histórico e da memória. O objetivo geral é compreender as influências da moda nos uniformes escolares do Ceará. A história e a memória dos uniformes escolares, no Ceará, foram resgatadas a partir de fotografias, livros e, principalmente, através de entrevistas com senhores e senhoras que foram estudantes no período de 1940 e 1970.

Como objetivo específico foi realizado breve histórico sobre as escolas Normal, Liceu do Ceará, uniformes escolares no Brasil e no Ceará. O interesse dessa dissertação se restringiu apenas no resgate dessas histórias para que assim fosse possível atingir o objetivo principal, que foi conhecer como foi desenvolvido o uniforme escolar no Ceará.

No curso do trabalho foram definidos temas como: moda, uniformes escolares, história das instituições. Essa reflexão se deu de maneira específica dentro dos interesses desse trabalho.

Com relação à temática moda e sociologia o principal teórico que embasou este trabalho foi o alemão Georg Simmel, que desde o final do século XIX fez importantes constatações e observações sobre o tema. Ele escreveu um livro que se tornou clássico sobre a temática, intitulado *A Tragédia da Cultura*, que contém um capítulo: *A Moda, indispensável para este trabalho*, publicado em 1895. Utilizo aqui a síntese de Michel Lallement (2003, p. 175), ele afirma que Simmel aponta seis grandes características que apresentam a moda como forma social:

-Imitação de um modelo dado, a moda satisfaz uma necessidade social; - leva o indivíduo pelo caminho seguido por todos; - indica uma generalidade que reduz o comportamento de cada um a puro e simples exemplo; - ela satisfaz na mesma medida a necessidade de distinção, a tendência à diferenciação; - que as modas são sempre modas de classe, de que aquelas da camada superior se distinguem daquelas da camada inferior; - permite reunir em um mesmo agir unitário a tendência à igualização social e a tendência à distinção individual.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente, foi realizada a reunião de material bibliográfico e documental sobre a história do uniforme escolar no Brasil, como



foram utilizados os uniformes, seus significados e representações para a sociedade da época. Fez parte, também, desse trabalho a coleta de dados e de referências bibliográficas sobre a história das instituições escolares escolhidas, sobre história e conceito de moda, educação e representações dos uniformes escolares.

Posterior a coleta de material bibliográfico foram realizadas entrevistas com ex-alunos do Liceu do Ceará e da Escola Normal, as duas localizadas na cidade de Fortaleza. Visando, a partir de suas narrativas, apresentar pontos de vista sobre a temática e a coleta de alguns documentos históricos. Os entrevistados foram selecionados em seis ex-alunos das referidas instituições assim divididas, três da Escola Normal e outros três do Liceu do Ceará. Foram escolhidos a partir da seleção entre conversas espontâneas que mantive com ex-alunos ainda vivos, os seis selecionados trouxeram os depoimentos mais reveladores e significativos da história sobre as referidas escolas e seus uniformes.

As entrevistas foram semiestruturadas, ou seja, “não há rigidez de roteiro. Podem-se explorar mais amplamente algumas questões” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 33). Sendo assim foram construídas conversas descontraídas sobre a temática, pois os entrevistados se sentiram livres para falar de suas lembranças da época da juventude nas instituições escolares que estudaram. As instituições foram escolhidas por serem as escolas mais antigas e tradicionais em Fortaleza e que recebiam alunos e professores de todo o Estado do Ceará. Também pelo fato de seus uniformes escolares haverem se tornado uma espécie de clássicos como reveladores do pertencimento de seus estudantes as referidas escolas, tornando-se assim meios de uniformização e diferenciação.

Durante o processo da pesquisa de campo foram feitas visitas a Escola Normal, localizada na Av. Santos Dumont e ao Colégio Liceu, localizado no Bairro da Jacarecanga. Ainda em busca de mais documentos históricos fomos ao Museu Do Nirez, documentarista muito respeitado em Fortaleza que construiu enorme acervo iconográfico, fonográfico, documental, bibliográfico e de objetos raros reveladores da história da cidade. Este espaço esta localizado no Bairro Parque Araxá, abrigando, como mencionado discos, fotos, jornais e instrumentos que contam a história de Fortaleza.

### 3 MODA E UNIFORMES: HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIOLÓGICAS

Ao analisarmos a história da moda percebemos que a função da roupa vai além do cobrir-se, do pudor e de proteger-se dos climas de extremo frio ou calor, como afirma Ivan Ribeiro (2012, p. 578) em seu artigo *Das Materialidades da Escola*, “o vestuário deve ser analisado como um artifício inventado para comunicar, sendo aquilo que se quer comunicar intrinsecamente relacionado aos aspectos culturais da sociedade em que se insere”. A roupa pode estar carregada de significados que terão alguma representação ou valor dependendo das pessoas que estão vivendo em uma determinada época estabelecida, isso porque os valores e representações que damos a certos objetos podem variar de acordo com o tempo.

O homem sente necessidade de mostrar quem ele é e a qual grupo social pertence, formando assim sua identidade, mostrando seus valores e construindo tradições. Através da História ele percebeu que a roupa poderia ser usada para criticar ou reforçar alguma ideia relevante dentro da sociedade da qual ele pertence. Barnard (2003) afirma que tal como Lurie em *Understanding Fashion* (1989) a respeito do motivo por que as pessoas vestem roupas, refere-se à proteção, modéstia e atração, mas também inclui comunicação como uma das principais funções da roupa, oferecendo mais detalhes e análises.

Mas antes de compreendermos as representações e importâncias que a moda traz para uma sociedade é preciso conhecer também o que é a moda e como ela pode influenciar não apenas o comportamento das pessoas, mas também a economia e a cultura de um povo.

A etimologia do termo “moda” vem do latim *modus* e do francês *façon*, que significa modo de fazer. Frédéric Godart, autor de *Sociologia da Moda*, afirma que moda é a maneira de fazer algo, seja no modo de se vestir, de comer ou de falar. Para Immanuel Kant (2009, p.148) “todas as modas são, por seu próprio conceito, modos mutáveis de viver”, ou seja, “moda” esta ligada as mudanças gerais dos estilos de vida humanos. Através dela podemos conhecer a si mesmos, como afirma Svendsen (2010, p. 10):

A moda afeta a atitude da maioria das pessoas em relação a si mesmas e aos outros. Muitas delas negariam isso, mas essa negativa é normalmente desmentida por seus próprios hábitos de consumo. Como tal, a moda é um fenômeno que deveria ser central em nossas tentativas de compreender a nós mesmos em nossa situação histórica. Sua emergência como um fenômeno histórico tem uma característica essencial em comum com o modernismo: o rompimento com a tradição e um

incessante esforço para alcançar “o novo”. A moda, como escreveu Walter Benjamin, é “a eterna recorrência do novo”. Eu diria até que é necessário compreendê-la para chegar a um entendimento adequado do mundo moderno, ainda que isso não signifique em absoluto afirmar que ela é “a chave universal”, capaz por si só de proporcionar tal entendimento.

Ao estudar moda percebemos que ela não é apenas uma indústria que estimula o consumo e alimenta o capitalismo. Como afirma Godart (2010), a moda pode ser classificada como um fato social total, que além de artística, econômica e política, atinge questões de expressão da identidade social, atuando na construção da identidade de indivíduos ou de grupos, fazendo com que roupas e elementos do vestuário representem valores e expressem conceitos.

A moda afirma, une, distingue, separa. Identifica, conglobera e rechaça. Muitos autores a ela se entrelaçam; sendo ela um fato social complexo, estabelece vínculos nas áreas da economia, da política, das artes, do lazer e do consumo numa dinâmica que muitas vezes dificulta sua análise. Em verdade, a moda, como afirma o autor, é um “lugar de encontro entre as diferentes disciplinas das ciências sociais”. (GODART, 2010, p.07).

A moda gera símbolos, ela não se contenta em apenas transformar tecidos em roupas, ela cria objetos portadores de significados e valores que representam tanto para aqueles que a utilizam quanto para aqueles que observam aqueles que estão utilizando a peça de roupa. Os indivíduos assinalam suas diversas inclusões sociais por meio de sinais indeníários, dos quais as vestimentas constituem um elemento central do qual a moda nutre e desenvolve seus fenômenos de imitação e diferenciação.

A autora Diana Crane (2006), em seu livro “A moda e seu papel social”, afirma que a moda é uma das mais evidentes formas de identificar o status social e o gênero de um sujeito num espaço público, pois através da roupa vários aspectos da identidade do indivíduo podem ser mostrados como, por exemplo, a religião, a classe social e a profissão.

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenham papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente rica. Sendo uma das mais evidentes marcas do status social e de gênero- útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas-, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. Nos séculos anteriores, as roupas constituíam o

principal meio de identificação do indivíduo no espaço público. (CRANE, 2006, p. 21).

O sociólogo alemão Georg Simmel (2008) acreditava que o papel da moda pode ser ao mesmo tempo de socialização e individualização, pois numa sociedade há aqueles que querem se diferenciar e usam o jogo de tendência para se sobressair, mas a partir do momento que aquela tendência se dissemina, para outros patamares da sociedade, o objeto de moda de diferenciação deixa de ser exclusivo e passa a ser uso da massa, passa a ser de socialização.

A moda expressa, da forma mais visível e concreta, a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, feita de interconexões e liames, mas também de inevitáveis conflitos entre os indivíduos, entre as múltiplas e diferentes formas sociais, entre os indivíduos e os grupos ou as classes. (SIMMEL, 2008, p.09).

A construção identitária dos indivíduos e dos grupos sociais se deu através dos hábitos comuns de pessoas, cultura e costumes de uma sociedade. A moda se torna elemento essencial para compor, caracterizar e conceituar alguns desses hábitos da construção da identidade dos indivíduos, através dela as pessoas podem se diferenciar ou imitar umas as outras. Na pesquisa pude identificar que os uniformes de militares e religiosos parecem ter sido os primeiros a identificar grupos sociais específicos através dessas vestimentas padronizadas. Elas serviam também para identificar hierarquias- gerais, cardeais, bispos e outros -, dentro dos próprios grupos.

Ao escolher as roupas e acessórios, os indivíduos reafirmam constantemente sua inclusão ou sua não inclusão em certos grupos sociais, culturais, religiosos, políticos ou ainda profissionais. Cada indivíduo pode ter múltiplas identidades. Essas identidades nunca são, todavia, puramente individuais, mas sim coletivas. A moda é uma produção e uma reprodução permanente do social. (GODART, 2010, p.36).

A roupa que usamos pode representar aquilo que somos, aquilo que gostaríamos de ser, o grupo do qual fazemos parte, ou seja, através da indumentária podemos passar a mensagem que quisermos e o uso de uniformes além de representar um grupo específico, representa também valores que as instituições e grupos querem passar para a sociedade, como afirma Furio Lonza (2005, p. 21):

A verdade é que (conscientemente ou não) as pessoas que vivem numa sociedade têm tendência natural de se agrupar em pequenos ou grandes subgrupos, com ideias ou gostos semelhantes, que partilham dos mesmos almejos e objetivos, nem que seja para jogarem bridge, damas ou xadrez, colecionarem selos, moedas ou borboletas. O fardamento é um elemento importante para algumas dessas agremiações ou confrarias. Há os que gostam de motocicletas (*Hell's Angels*), há os que perseguem

os negros (*KuKluxKlan*), há os imortais, com seus fardões & alamares dourados (Academia Brasileira de Letras), há os que discriminam qualquer tipo de minorias (os Carecas do Subúrbio de São Paulo) e, se procurarmos bem, ainda vamos encontrar por aí jovens vestindo japonas com zíper e calças tergal (TFP). Todos eles ostentam com gana a uniformização, bolam fardas, símbolos alegóricos, estandartes, usam amuletos, tudo para se sentirem diferentes dos humildes mortais. Nesses casos, a uniformização distingue, mas, com o tempo e a radicalização de suas ideias, podem os transformar em fanáticos, derivando no preconceito, no *apartheid* e na barbárie.

O fardamento é mais do que vestir igualmente um grupo. Ele é a representação visual e material dos sentimentos, vínculos e identidade daqueles que fazem parte do grupo. Muitas vezes o indivíduo só sente pertencer a uma equipe quando está caracterizado com os símbolos representantes desta equipe, ou seja, o fardamento pode fazer com que pessoas se comportem e ajam da mesma forma somente por estar trajando os mesmos elementos do vestuário. O que posso afirmar aqui é que os uniformes vinculam pessoas e grupos a instituições com seus comportamentos e identidades. Isso se manifesta em uniformes religiosos, militares, de trabalho e nos uniformes escolares.

A uniformização de um grupo pode acarretar sentimentos e reações boas e ruins. Um exemplo disso, na atualidade, é a maneira como as pessoas, principalmente os jovens, se vestem para assistir a uma partida de futebol. Quando se é um torcedor de um time é comum, em dias de jogos, que este indivíduo se vista com as cores e/ou símbolos representantes do time do qual ele torce. No estádio de futebol, local que ocorrem as partidas normalmente, os torcedores uniformizados se sentem unidos e muitas vezes, mesmo sem se conhecerem, conversam e trocam opiniões referentes à partida do qual eles estão assistindo. No decorrer do jogo, é normal, que os torcedores tenham a reação de cantar, motivar, gritar e até falar mal do próprio time caso eles não estejam gostando do que estejam assistindo. É possível que os torcedores tenham esse tipo de reação, culminando inclusive em atos de violência contra outras pessoas e contra o patrimônio público, principalmente por naquele momento, em que muitos estão trajados com os mesmos elementos, acharem que podem depredar a estrutura do local do estádio, ou até de outros pontos da cidade, e não serem identificados, pois o uniforme, como a própria grafia define, unifica, e essa unificação, além de dificultar a identificação do indivíduo, pode acarretar uma série de sentimentos e comportamentos que se esta pessoa estivesse sozinha e sem o uniforme não acarretaria. Nesse caso o pertencimento a grupos e a mistura do indivíduo com a multidão podem garantir certo anonimato que podem explicar os comportamentos violentos quando os indivíduos se encontram vinculados a esses grupos. Isso necessariamente não se passa pelo o uso dos uniformes. Mesmo assim torcidas

organizadas, no Brasil, e hooligans, na Europa, se identificam claramente pelas cores dos seus times, através de camisetas, bonés e etc.

Com relação à uniformização de estudantes, os sentimentos e ações são diferentes do exemplo dito anteriormente. Ao observarmos a construção do uniforme escolar percebemos que ele comunica os seus valores para a sociedade na qual ele está inserido. O uniforme continua sendo, ainda na atualidade, utilizado pelas instituições escolares para mostrar sua identidade, suas tradições e seus valores. Quando uma escola define cores, silhuetas, tecidos e aviamentos, a serem empregados em seu uniforme, ela está construindo sua identidade.

Uma escola possui alguns significados e valores que gostaria de comunicar ao mundo que está além de suas grades, e uma das maneiras em que pode fazer isso é através do uniforme de seus alunos. Consequentemente, presume-se que as cores, os modelos, e o corte empregados no uniforme escolar têm a intenção de comunicar significados ou valores, tais como responsabilidade, vivacidade, sobriedade, erudição, organização etc. A escola está assim tentando dizer que o uniforme, a coleção de roupas significam; fixando o significado daquela coleção de roupas como ordenado, inteligente etc. (BARNARD, 2003, p.115).

Antes de compreendermos a história, significados e utilização dos uniformes escolares, precisamos conhecer a importância que a roupa teve na construção da sociedade no decorrer da História. É necessário estudar também quando a moda surgiu e quando e porque o homem sentiu necessidade de se uniformizar.

Na Idade Antiga as primeiras necessidades de se vestir foram para cobrir o corpo, para proteger-se do clima e também como forma de distinção, ou seja, alguns humanos se ornamentavam para algum deus, herói ou para outro humano. Uma das formas de se destacar na sociedade nasceu através do sentimento de autoridade daqueles que comandavam uma determinada tribo ou clã.

A indumentária corresponde a um desejo de inspirar medo e autoridade: para um chefe, é procurar atributos que expressem seu poder, para um guerreiro, é obter um elemento de superioridade que o beneficiará no corpo a corpo e fará dele um super-herói. Com o tempo, o traje profissional ou administrativo marcou ao mesmo tempo a necessidade de se distinguir dos outros e a vontade de uma autoridade pessoal ou delegada - a isso tende a toga do advogado, assim como o uniforme do policial. (BOUCHER, 2010, p. 14).

Quem usa os uniformes militares segue a mesma linha de querer se distinguir do restante da sociedade e ao mesmo tempo de querer pertencer a um determinado grupo. Na

antiguidade, os Sumérios não trajavam uniforme militar, somente a partir do século X A.C. que soldados e cavaleiros passaram a se vestir de maneira relativamente uniforme, como afirma Boucher (2010, p. 39), “o caráter guerreiro dos assírios manifestou-se na indumentária militar. A partir do século X A.C., o soldado e o cavaleiro vestem-se com relativa uniformidade: túnica curta com franjas, cinturão largo, capacete cônico forrado de couro”. Basicamente nessa época os soldados usavam roupas feitas de lã, couro e alguns adereços de metal, como o capacete.

A figura a seguir mostra como os romanos se trajavam em batalhas militares no século II D.C. Elementos resistentes da natureza, como os dito anteriormente, eram usados para construir os uniformes de guerra dessa época. Havia impacto durante as batalhas, então a indumentária precisava ser resistente para ao mesmo tempo proteger e permitir o movimento do guerreiro.

**Figura 1 - Traje Militar usado na Itália** (Baixo Relevo da Colônia Trajano, mármore, 113d.c, Roma).



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 104.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



Os trajes militares da época feudal, dos séculos X, XI e XII, são compostos por uma loringa de malha, sobreveste de tecido sem mangas, calçado de couro e elmo na cabeça, como ilustra a imagem a seguir.

**Figura 2 - Saltério de São Luís: Abraão vencedor dos reis, c. 1260-1270**  
(Bibliothèque Nationale de France, Ms. Lat 10525 f<sup>o</sup>5, v<sup>o</sup>, Paris).



Fonte: BOUCHER, 2010, p.149.<sup>2</sup>

Nessa época as vestimentas não eram consideradas moda, pois a roupa só se torna moda quando há um gosto, vindo de quem usa, por mudanças no vestuário, ou seja, quando muitas pessoas de uma sociedade, de forma relativamente frequente, optam pela novidade na maneira de se vestir.

A moda não é universal. Não é um fenômeno que existia em toda parte e em todos os tempos. Suas raízes não estão nem na natureza humana nem em mecanismos de grupo em geral. Mas desde que surgiu pela primeira vez em uma sociedade, levou um número cada vez maior de outras sociedades e áreas sociais a seguirem sua lógica. (SVENDSEN, 2010, p. 22).

<sup>2</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



Durante o século XIV que se nota uma nova mentalidade das pessoas na Europa, e isso se deu pela emergência do capitalismo mercantil. Vários autores, como Svendsen e Boucher, mencionados a seguir, crêem que a moda possa ter surgido nesse período.

Em geral se associa a origem da moda à emergência do capitalismo mercantil no período medieval tardio. A Europa experimentava então um desenvolvimento econômico considerável, e as mudanças econômicas criaram a base para mudanças culturais relativamente rápidas. Foi nesse momento que modificações na maneira na maneira como as pessoas se vestiam adquiriram pela primeira vez uma lógica particular: deixaram de ser raras ou aleatórias, passando a ser cultivadas por si mesmas. As formas básicas das roupas passaram a mudar rapidamente, e os detalhes superficiais mais ainda. (SVENDSEN, 2010, p. 24).

O humanismo dá seus primeiros sinais e uma arte laica começa a se manifestar. O ideal de beleza e arte são contemplados e observados na forma de vestir e de se comportar de homens e mulheres, como afirma Boucher (2010, p. 233), “Em todos os Estados italianos, homens e mulheres transferem para a roupa essa busca de uma beleza das formas, satisfazendo com isso seu gosto pela elegância, sua paixão pelas felizes combinações de cores e sua aspiração a uma distinção superior”.

O nascimento da moda acontece nesse momento, onde a necessidade de mostrar a beleza humana através de roupas e acessórios se faz presente, como afirma Boucher (2010, p.234).

Com efeito, é a partir do século XIV que assistiremos ao surgimento de elementos novos no vestuário, fruto antes da fantasia que da necessidade. Sem deixar de representar o desfecho, às vezes lento, de vários fatores de ordem política, econômica ou mesmo étnica, as variações no vestuário serão mais eventuais e limitadas. Corresponderão então a zona igualmente restrita, mais “nacionais”, a produções também locais, representando vertentes mais constantes, menos duradouras e mais espetaculares.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky também compartilha do mesmo pensamento, ele afirma que a moda surge durante a Idade Média, depois da metade do século XIV, pois foi nesse período que a roupa passa por mudanças e torna-se regra permanente dos prazeres da alta sociedade.

Entre os séculos XIV e XIX, as flutuações da moda seguramente não conheceram sempre a mesma precipitação. Nenhuma dúvida de que na noite da Idade Média os ritmos da mudança tenham sido menos espetaculares do que no século das Luzes, onde as vogas disparam, mudam todos os meses, todas as semanas, todos os dias, quase a cada hora”, obedecendo aos frêmitos do ar do tempo, registrando o último sucesso ou acontecimento do dia. Assim é que, desde o final do século XIV, as

fantasias, as reviravoltas, as novidades multiplicaram-se muito rapidamente e em seguida jamais cessaram de ser livre curso nos círculos mundanos. Este não é o lugar de fazer a enumeração, mesmo sumária, das mudanças de cortes e detalhes dos elementos do vestuário, a tal ponto foram inumeráveis, a tal ponto os ritmos de moda foram complexos, variáveis segundo os Estados e as épocas. A documentação de que se dispõe é certamente fragmentária, limitada, mas os historiadores do vestuário puderam mostrar, sem nenhum equívoco, a irrupção e a instalação histórica dos ciclos breves da moda a partir desse final da Idade Média. (LIPOVETSKY, 2009, p.32).

As mudanças na maneira de se vestir estavam só começando. Durante o século XV os trajes são adaptados ao indivíduo, ou seja, novas cores, cortes e texturas emergem. Mudanças essas “que passaram a divergir cada vez mais dos contornos reais do corpo. A mudança nas roupas tornou-se uma fonte de prazer por si mesma” (SVENDSEN, 2010, p.24).

A roupa e os acessórios são usados para exibição, se tornaram fantasias do vestir e tanto o vestuário feminino quanto o masculino foram marcados pela extravagância e pelo uso de adereços sofisticados, chamados por Lipovetsky de “sofisticações teatrais”.

Sob o reino da moda, o artificialismo estético já não está no próprio princípio da ordenação da toailete, que aparece como espetáculo de festa estritamente atual, moderno, lúdico. Os traços comuns com o passado imemorial do gosto decorativo não devem ocultar a absoluta radicalidade da moda, a inversão de lógica que ela institui historicamente: até então, o “maneirismo” estava estritamente sujeito a uma estrutura saída do passado coletivo, ao passo que agora se tornou, ao contrário, primeiro na criação das formas. Outrora contentava-se em ornar; agora inventa, com toda supremacia, o conjunto do aparecer... A emergência da moda fez mudar completamente a significação social e as referências temporais da toailete: representação lúdica e gratuita, signo factício, o vestuário de moda rompeu todos os elos com o passado e tira uma parte essencial de seu prestígio do presente efêmero, cintilante, fantasista. (LIPOVETSKY, 2009, p.39).

Toda essa exuberância no vestir, durante esse período, foi vista até nos equipamentos militares.

A influência das modificações do equipamento militar sobre a moda masculina não impediu de modo algum o processo fantasista de ser dominante e de jogar com os signos viris: a moda colocou em cena e sofisticou os atributos de combate (esporas douradas, rosas nas espadas, botas guarnecidas de renda etc.). Será preciso esperar a “grande renúncia” do século XIX para que a moda masculina se obscureça diante da feminina. (LIPOVETSKY, 2009, p.40).

Foi durante o final do século XV e início do século XVI que os portugueses iniciaram o processo de colonização no Brasil, trazendo na bagagem muitos hábitos europeus da época. Quando aqui chegaram observaram como eram transmitidos os costumes de adultos para as crianças indígenas, esse foi o primeiro registro que tivemos sobre como era

desenvolvida a educação em território brasileiro. A prática de plantar, caçar, pescar, construir abrigos e de se ornamentar passava de geração para geração através do exemplo a ser imitado, ou seja, os adultos ensinavam as atividades do dia a dia para crianças e através da observação elas imitavam o que os adultos estavam fazendo. Os trajes dos índios eram feitos de materiais naturais, como palhas e sementes, e que cobriam quase nada do corpo, “o uniforme oficial do índio era a nudez e eventuais pinturas no seu corpo” (Lonza, 2005, p.26). Talvez não possamos considerar a nudez como uniforme. O que podemos dizer é que o uso de adereços e pinturas, como para festas, cerimônias e para a guerra, identificavam tribos e nações de seus diferentes. Quando os colonizadores portugueses chegaram em terras brasileiras condenaram severamente essas práticas culturais, eles acreditavam que o aprendizado não se dava sem repressão e através da educação jesuítica, os portugueses, impuseram alguns limites nos costumes indígenas.

Os colonizadores portugueses simplesmente ignoraram as concepções pedagógicas dos índios brasileiros e não admitiram que fossem capazes de ter construído, ao longo do tempo, práticas educativas. Essas práticas foram severamente criticadas pelos jesuítas, principalmente pela falta de castigo para crianças, considerada inadmissível dentro de seus conceitos educacionais. O aprendizado sem repressão ainda é aplicado em algumas tribos indígenas, caso dos guaranis que existem na região de Angra dos Reis e Paraty. Hoje, essa prática é universalmente aceita, demonstrando que os índios estavam bastante à frente dos métodos pedagógicos da chamada civilização ocidental. (LONZA, 2005, p.26).

Foi através da educação jesuítica, no século XIV, que os hábitos de muitas tribos indígenas mudaram. Os padres jesuítas, assim que chegaram ao Brasil e deram de cara com aquelas pessoas de costumes tão diferentes dos europeus, começaram o processo de catequização.

Quando desembarcaram das caravelas, os portugueses trouxeram na bagagem os padres da Companhia de Jesus, que não pensaram duas vezes ao se depararem com aquela quizomba de homens, mulheres e crianças todos nus e livres, cantando, dançando e comendo do bom e do melhor, logo pensaram em pecado, em castigo e botaram a mão na massa. Começaram a ensinar para os índios a moral católica, os costumes e a religiosidade, usando os métodos pedagógicos europeus, bastante diferentes dos adotados por aqui. A educação era centrada na catequese e ignorava a cultura e história dos índios. A primeira atitude que os jesuítas tomaram foi aprender a língua dos índios. E garimpavam logo algumas singularidades. (LONZA, 2005, p.27).

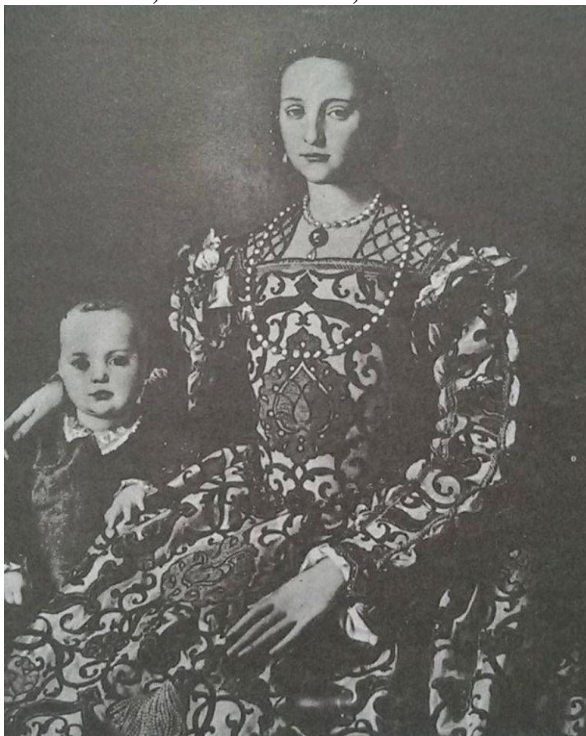
A partir da segunda metade do século XIV os jesuítas abriram diversas classes de ensino em vários pontos em todo território nacional, “pois se ensinava desde o Pará, ao norte, até a Colônia do Sacramento do Sul” (LONZA, 2005, p.28). Eles ensinavam basicamente

sobre a religião, canto e cultura agrícola, já aqueles adultos que se destacavam aprendiam a ler, escrever e contar.

Foi também nesse mesmo período que os valores do humanismo greco-romano ressurgiram, na Europa. “Artistas e filósofos tentaram recuperar referências da Grécia e Roma Antiga” (BRAGA, 2007, p. 43). O Renascimento estava presente e se consolidava nos movimentos artísticos e na literatura.

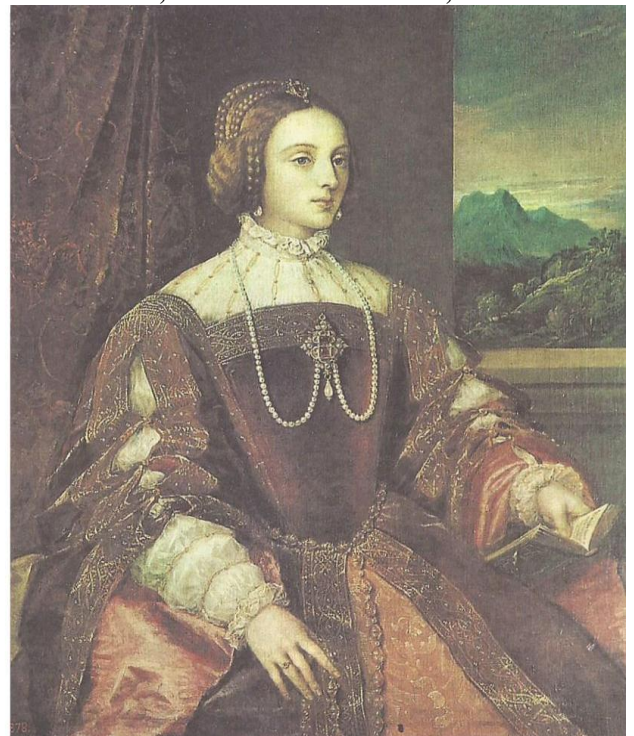
Nas roupas observa-se uma preocupação na combinação de cores, linhas e volumes, os tecidos produzidos na época eram suntuosos, com bordados espessos e brocados, trazendo assim maior elegância e harmonia ao vestuário, como pode ser observado nas duas imagens a seguir.

**Figura 3- Angelo Bronzino, Eleonora de Toledo e seu Carlos V, filho Fernando I, c.1550.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p.185.<sup>3</sup>

**Figura 4 - Ticiano, Isabel de Portugal, mulher de Carlos V, c.1535. Museu do Prado, Madri.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p.185.<sup>4</sup>

Com a expansão do comércio e da indústria a moda pode se confirmar, como afirma Godart (2010, p. 22):

<sup>3</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<sup>4</sup> Ibid., p.185.

O capitalismo, que assume impulso nessa época, permite a emergência de uma nova classe social- a burguesia-, que reconsidera a superioridade da aristocracia. Esse período caracteriza-se por certa tranquilidade política na Europa, como o fim das invasões, e com intensas transformações econômicas e científicas que redefinem os equilíbrios tradicionais. O início da moda está, portanto, vinculado às elites, à burguesia e à aristocracia, e a imensa maioria da população está excluída dessa transformação.

Nesse período já existia uma uniformização dos trajes militares, mas os tecidos luxuosos foram substituídos pelas armaduras. Quando um exército se uniformizava ficava mais fácil identificar seu inimigo, como afirma Lonza (2005, p.17):

As guerras, aliás, foram as primeiras manifestações históricas nas quais o fardamento era fundamental para identificação do inimigo. Não só cada exército tinha um tipo de vestimenta diferenciada, como haviam também estandartes e bandeiras que caracterizavam (através de suas cores) cada região, cada reino, cada país, tudo para que um soldado não matasse um companheiro por engano ou descuido.

**Figura 5- Armadura de cavaleiro do século XVI.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p.211.<sup>5</sup>

O século XVII foi um período marcado pelas transformações intelectuais, como afirma Braga (2007, p.47): “Como continuidade do processo antropocêntrico advindo do Renascimento, o século XVII trouxe para humanidade a Revolução Científica. A tentativa de conhecer os segredos da natureza fez do ser humano um grande observador, que passou a

<sup>5</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

sistematizar com muito rigor suas experiências”. Destacaram-se nessa época nomes como Newton, Galileu e Descartes.

A educação nesse período, na Europa, estava se modernizando. Os processos de profissionalização já não estavam centralizados nas oficinas artesanais, como afirma Franco Cambi (1999, p.278).

Com o século XVII, de fato, os processos educativos, as instituições formativas e as teorizações pedagógicas também vão se renovando. Também em pedagogia, o século XVII é o século do início da Modernidade, do seu pleno e consciente início, embora não ainda de seu completo desenvolvimento, que se realizará no século XVIII de forma ainda pragmática, e nos séculos seguintes como realização efetiva e difundida. Quanto aos processos educativos, eles penetram na sociedade inteira e incidem sobre a profissionalização, que se especializa e se liberta da centralidade da oficina artesanal (no nível manual) e da formação de caráter humanístico- religioso (no nível intelectual), dando espaço a manufatura e depois à fábrica, por um lado, às academias e às escolas técnicas, por outro; mas incidem também sobre o controle social, contra os desvios de todo o gênero, inclusive os juvenis, como também na formação de um imaginário social alimentados pelo mito do Moderno e por um estilo de vida civilizado, normatizado, regulado por códigos e limitado por interdições.

Os papéis educacionais da família, Igreja e Escola estavam se renovando nesse período. A sociedade nessa época estava cultivando novos hábitos.

As novas instituições educativas são geralmente tradicionais, Já dada a sociedade pré-moderna, como a família, a escola, a Igreja, mas agora elas assumem uma feição nova: A família se torna cada vez mais lugar central da formação moral e estende o seu controle sobre o indivíduo; a escola se renova através do colégio, das classes organizadas por idades, da socialização dos programas e dos métodos, da modernização do *currícula*; a Igreja se organiza cada vez mais como espaço educativo e instrutivo, desenvolvendo uma função social cada vez mais extensa. Outra instituição educativa e deseducativa será, depois, a manufatura ou a fábrica, que veio transformar a mente do trabalhador, a sua ideologia, a própria consciência de si, vindo então a desenvolver uma função de formação. (CAMBI, 1999, p.279).

Foi também nesse século que ocorreu a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Nesse período a moda pouco ganhou destaque como Braga (2007, p. 48) confirma, “nesse período, nenhuma corte era capaz de ditar modos e modas, não havia unidade nas vestimentas na Europa, que variavam de acordo com cada país”. Passada essa guerra, a arte Barroca ganha a Europa e influência diretamente a maneira de se vestir.

Na Itália, nasce o estilo Barroco presentes nas pinturas e arquiteturas. Esse estilo se expandiu por outras partes da Europa e influenciou na maneira de se vestir e de se comportar

de homens e mulheres, pois os excessos e ornamentos fazem parte da nova maneira de observar o mundo. As principais características que compõem esse estilo são descritas por Braga (2007, p.47) “nomes como Velázquez, Rubens, Rembrandt, Caravaggio, entre outros, difundiram um estilo que foi tão expressivo, em seus efeitos de luz e sombra nas pinturas, quanto ornamental e opulento na arquitetura, buscando retratar a emoção humana”.

As roupas se caracterizavam pelo excesso visual. Volumes, rendas e ornamentos estavam presentes tanto na indumentária feminina quanto na masculina. Os homens passaram até a usar perucas, como afirma Braga (2007, p. 49), “por volta da década de 40 do século XVII, os cabelos longos naturais masculinos, entraram na moda; porém, havia aqueles não muito dotados de cabeleira que faziam uso de perucas e, sendo assim, as mesmas se tornaram um hábito de moda”. A roupa masculina passa por intensas transformações nesse século. O pitoresco estava presente e se destacava entre os nobres, ou seja, estar na moda era se ornamentar.

Desse momento em diante, a moda masculina desenvolveu-se muito mais que a feminina. O pitoresco passou a ser marca registrada de ambos os sexos. A roupa dos homens ganhou uma identidade muito marcante: o *culote*. Ele tornou-se bem largo, chegando até os joelhos, com ornamentos bordados e rendas, assemelhando-se mais a um saio curto do que a um calção. (BRAGA, 2007, p.49).

A indumentária feminina era composta por saias volumosas, cintura marcada e decotes acentuados. Já na cabeça elas usavam um penteado chamado *à laFontange*, como afirma Braga (2007, p. 50):

Para a moda feminina, havia também a correspondência de todo esplendor. As mulheres usavam camisa de manga curta, havendo sobrecamisa com decotes acentuados e de mangas até os cotovelos. As cinturas eram finas, marcada pelo uso de um corpete rijo e apertado. Os tecidos também eram luxuosos e caros, predominando as cores como o vermelho escarlate, o vermelho-cereja e o azul-escuro; todavia, apareciam cores mais claras como o rosa, o azul-céu e o amarelo-pálido. Nas cabeças, as mulheres não usavam perucas, adornavam-na com um penteado *à laFontange*- nome originado do de uma das preferidas do Luís XIV -, uma espécie de penteado com ares de despenteado, preso por fitas. Com o tempo, incrementaram os cabelos com rendas, toucas e armações de arame para manter de pé um volume tão alto.

Os uniformes militares da época passaram por mudanças, pois a armadura de metal é abandonada. Pode-se observar que o novo uniforme militar se baseia nos trajes civis da época, ou seja, os elementos que faziam parte da moda do dia a dia serviram de inspiração para compor o traje militar. Os excessos nos ornamentos e o cabelo comprido são usados por



homens que trajam uniformes militares. Mas essas mudanças não são apenas por motivos estéticos, são também por motivos econômicos e de conforto, para que o indivíduo se movimentasse melhor em combate.

Essas modificações no traje militar respondem, por um lado, à necessidade de roupas mais justas em razão de armas novas- fuzil, baioneta e cartuchos- e, por outro, à nova regulamentação de Colbert sobre a indústria lanífera em 1655. A adoção do Uniforme significava para esta última um grande aumento do consumo de lã. A cidade de Lodève, entre outras, reputada pela fabricação da lã cinza clara, escoava metade da sua produção em equipamentos militares. Essa evolução do traje militar, que se origina na França, ganha todos os Estados europeus. Assim como o armamento e o equipamento, o vestuário normaliza-se em toda parte; seu aspecto civil é um exemplo das reações exercidas continuamente do traje civil sobre o militar e vice-versa. (BOUCHER, 2010, p. 254).

**Figura 6- Uniforme militar século XVII.**



Fonte: no site Getty Images.<sup>6</sup>

Nem todos os exércitos tinham condições de trajar seus homens, como afirma o autor Daniel Roche em seu livro *A Cultura das aparências*. Roche (2007) diz que no quadro *A batalha de Nördlingen* (1634), do pintor Peter Meulener, foi retratado um exército sem uniformes padrões, os homens estavam trajando roupas comuns, usando armas e montados a cavalos.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.gettyimages.pt/detail/foto/military-uniforms-of-louis-xiv-musketeers-fotografia-de-stock/123719406>>. Acesso em: 11 maio. 2016.



O tom monocromático dominante é o de uma sociedade predominantemente camponesa, da monotonia das vestes rústicas, das cores da terra e das estações. O soldado se veste como pode, não como deveria, visto que a sociedade militar ainda se encontra entre a instabilidade e a permanência, entre guerra e paz. (ROCHE, 2007, p.227).

**Figura 7- A Batalha de Nördlingen (1634).**



Fonte no site: Wahoo Art.com<sup>7</sup>

A imposição do uso do uniforme militar, por parte da realeza, foi constante nesse período, pois assim os reis arrecadavam mais recursos financeiros, eles afirmavam que era necessário investir em fardamento e armamento militar, como afirma Roche (2007, p. 230).

O uniforme é visto apenas como um elemento de um sistema complexo, cuja evolução pode depender do desenvolvimento da sociedade militar, que é parte da sociedade global, ou das mudanças de seus componentes específicos- roupas, armas e todos os acessórios indispensáveis à vida do soldado (cartucheira, boldriés, bandoleiras, cinturões, mochilas). A transformação de um elemento do sistema pode significar, ou permitir, a alteração ou adaptação do sistema como um todo. O nascimento do uniforme militar no século XVII deve, pois, ser visto como parte da transformação social dos exércitos, quando os príncipes, pretendendo reduzir sua dependência à nobreza feudal, recorrem cada vez mais ao pagamento em dinheiro, o

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@/9DJE93-Pieter-Meulener-Battle-Of-Nordlingen-Ii>>. Acesso em: 11 maio 2016.

soldo, das tropas convocadas ou mercenárias. A palavra “soldado” ainda guarda a memória dessa fase na evolução social. Soldados em número cada vez maior recrutados das classes inferiores, agora se enfrentam no campo de batalha. Mudanças nas táticas e no armamento acompanham e influenciam essas modificações profundas, que envolvem as relações em desenvolvimento entre civis e militares, entre o Exército e o Estado, numa época em que as palavras ainda não tinham um significado moderno. Se o Exército ficou mais militarizado, e a nação menos inclinada à guerra, a diferença entre soldados e civis ainda não é tão pronunciada como acabaria se tornando.

Foi durante o século XVIII, em Paris, que surge o Iluminismo inspirado no Renascimento e na Revolução Científica do século anterior.

Os pensadores do Iluminismo eram chamados de *philosophes*, e tinham como objetivo compreender a natureza, bem como a sociedade, por meio da razão. Paris foi o epicentro dessa filosofia, irradiando a ideia e encontrando adeptos por toda a Europa e na América do Norte. Essa afirmação da razão e da liberdade ecoou tanto no pensamento político quanto no social e econômico. (BRAGA, 2007, p. 51).

A educação nesse período foi marcada pelas ideias iluministas, a França produziu teorias pedagógicas inovadoras, que influenciaram outros países da Europa.

São os iluministas, de fato, que delineiam uma renovação dos fins da educação, bem como dos métodos e depois das instituições, em primeiro lugar da escola, que deve reorganizar-se sobre bases estatais e segunda finalidades civis, devendo promover programas de estudo radicalmente novos, funcionais para a formação do homem moderno (mais livre, mais ativo, mais responsável na sociedade) e nutridos de “espírito burguês” (utilitário e científico). (CAMBI, 1999, p.356).

Já no Brasil, esse período foi marcado pela expulsão dos jesuítas. O marquês de Pombal expulsou e suprimiu todas as escolas que eram comandadas pela Companhia de Jesus, seu maior objetivo era organizar a escola para atender aos interesses do Estado e não da religião. “Em seu lugar foram criadas as aulas régias de Latim, Grego e Retórica que nem longe chegam a substituir o eficiente sistema organizado pela Companhia de Jesus” (Piletti, 2013, p.74). A educação brasileira retrocedeu nesse momento, mas algumas melhorias ocorreram como a criação do Seminário de Olinda, no ano de 1798.

Paralelamente às aulas régias, os estudos continuaram sendo ministrados em seminários de outras ordens religiosas. Merece destaque o Seminário de Olinda, criado em 1798, e instalado em 1800 por Dom Azeredo Coutinho, governador interino e bispo de Pernambuco. O Seminário de Olinda tornou-se o centro de difusão de ideias liberais, dando ênfase ao estudo das matemáticas e das ciências naturais. Seus alunos e padres participaram de vários movimentos revoltosos, com a Revolução Pernambucana, de 1817, e a Confederação do Equador, de 1824. (PILETTI, 2013, p.75).

Na Europa, os sentimentos de evolução, de progressão nas ciências humanas, filosóficas e científicas fizeram com que muitos franceses lutassem pelos ideais iluministas. Do outro lado estava a elite aristocrática francesa que continuava a querer dominar e ir contra a esses ideais burgueses, tanto que eles incrementaram ainda mais o vestuário, usavam roupas mais cheias de ornamentos querendo impor uma moda cada vez mais luxuosa. Nesse período surgiu o movimento artístico e estético chamado Rococó (1730-1789). Se o Barroco, do século anterior, já tinha como característica o exagero, o Rococó é o exagero do exagero. Presente também na arquitetura e decoração o movimento tem como principal característica o uso de flores, laços e babados.

Apesar dessa característica, foi uma arte tão requintada quanto aristocrática, buscando se expressar mais pela leveza e pela delicadeza. O Rococó privilegiou valores ornamentais e decorativos e toda essa opulência e luxo foram transportados para a moda. (BRAGA, 2007, p. 51).

O Rococó se caracterizou pelo exagero e futilidade da aristocracia francesa que já no final do período, por volta de 1770 a 1789, as mulheres usavam vestidos cada vez mais amplos que chegava a ser necessário abrir duas portas para que elas passassem. A figura icônica desse vestuário foi Maria Antonieta, mulher de Luís XVI. Os homens também continuavam usando roupas ornamentadas, poucas mudanças ocorreram na indumentária deles, como afirma Braga (2007, p. 52), “Para os homens desse período, a *toilette* era composta de *culote* justo até o joelhos, camisa, colete, casaca, meias brancas e sapatos de salto (mais baixos que os do período anterior)”.

Com o tempo a aristocracia francesa começou a declinar. O estilo Rococó finda com o início da Revolução Francesa (1789-1799). Em contraponto a esse exagero no vestir a burguesia campestre inglesa, por volta de 1760, também exerceu grande influência na moda, pois as suas roupas faziam referência a simplicidade e praticidade no vestir.

Todas essas mudanças fizeram com que o século XVIII se tornasse referência para o desenvolvimento geral do vestuário. A moda tomou força real de mudança apenas nesse século e pode ser considerada símbolo da modernidade como afirma Svendsen (2010, p. 25), “há na moda um traço vital da modernidade: a abolição de tradições”. Paris era o centro da moda, os trajes franceses eram referência e também nesse período as mudanças das modas

eram publicadas nas primeiras revistas sobre o assunto, a informação do que estava “*in*” ou “*out*” chegava com mais rapidez, as pessoas, do que antes.

É possível perceber, nessa busca contínua de formas novas, a expressão de uma tendência geral do traje feminino a procurar mais comodidade, flexibilidade, desenvoltura. Tal transformação gradual, lenta, mas ininterrupta, é o que se sobressai mais claramente nessa evolução durante três quartos de século...

Por outro lado, constatamos uma profunda transformação na função social do vestuário. A substituição do prestígio de uma sociedade pela autoridade de uma classe e de uma corte, a primazia adquirida pela mulher, o luxo sustentado pelo dinheiro e pela vida dos salões, bailes e divertimentos, a propensão dos espíritos de uma simplicidade e liberdade ideais: tudo isso modificou o papel do vestuário e deu origem a uma tendência a um guarda-roupa de caráter universal que deixa de ser submetido a demarcações sociais. Ao longo de todo século, pressente-se que o vestuário se reveste, com poucas nuances, dependendo do país, de um caráter cada vez mais igualitário, cada vez mais acessível a todos os escalões. (BOUCHER, 2010, p. 307).

O uniforme militar desse século seguiu a linha da simplicidade, houveram sucessivas modificações fazendo que o traje militar se tornasse mais simples, leve e adaptado para o manejo de armamentos. A vestimenta militar se tornou facilmente reconhecida tanto por soldados quanto pelo restante da população.

A roupa do soldado sofreu inúmeras variações durante o século XVIII, o que foi motivo de debate nas páginas da *Encyclopédie méthodique* de 1785, entre os partidários dos diferentes sistemas. Eles condenam os empreendedores, que enriquecem à custa dos soldados, mas discordam da gestão defendida por um oficial general, da administração dos regimentos proposta por um coronel e da iniciativa dos oficiais de companhia apresentada por um capitão. (ROCHE, 2007, p.232).

**Figura 8 - Uniforme Militar francês - século XVIII. Jean Theurel.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p.305.<sup>8</sup>

A imagem acima mostra o oficial Jean Theurel vestindo seu uniforme militar francês e segurando um armamento. A imagem passa a impressão de autoridade e respeito e este é um dos principais objetivos daqueles que trajam uniformes militares.

Assim, durante todo o século XVIII e até metade do século XIX, o uniforme militar e o traje civil masculino apresentaram certos pontos comuns, com defasagens de datas, na forma do *habit*, na substituição dos calções pela calça comprida e do chapéu pelo *shako* ou pela cartola. Dependendo dos períodos, a influência de um ou do outro predomina; essas fases alternadas são observadas em todos os exércitos europeus. (BOUCHER, 2010, p. 307).

O início do século XIX é marcado pela vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, mais precisamente no ano de 1808. Com a chegada dela ocorreram mudanças culturais, sociais e econômicas em território nacional.

A transferência da Corte de Portugal para o Rio de Janeiro trouxe um incremento notável ao Brasil, com a abertura dos portos ao comércio às nações amigas, a organização dos serviços públicos, a liberdade de indústrias até então coibidas por decretos, os melhoramentos nos transportes etc. (LONZA, 2005, p. 30).

<sup>8</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Até o momento da chegada da coroa portuguesa a educação havia sido deixada de lado, pois nenhum trabalho sério havia sido feito desde que os jesuítas tinham sido expulsos. As melhorias na educação chegaram juntamente com a coroa portuguesa.

A ruptura com o passado se deu com a fundação de uma escola onde se ensinavam as línguas portuguesa e francesa, Retórica, Aritmética, Desenho e Pintura, além da criação de Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Real Biblioteca do Rio de Janeiro, o Museu Nacional, o Jardim Botânico e – sua iniciativa mais importante em termos de mudança- a Imprensa Régia. (LONZA, 2005, p.30).

Na Europa, a educação já caminhava em outro viés. Esse período chamado Idade Contemporânea é representado por um grande avanço nos estudos pedagógicos e nos hábitos educacionais vividos dentro e fora das instituições escolares.

Na pedagogia contemporânea, de Pestolazzi a Capponi, de Comte a Gentile, de Dewey a Luhmann, colocou-se como central a função política da pedagogia e a sua posição dentro do “nicho” da sociedade, em relação à qual ela age como síntese orgânica de perspectiva de valores, ou ainda como centro de rearticulação na própria sociedade, submetendo-a inclusive às revisões que tal processo de transmissão cultural sempre comporta. A função ideológica não é apenas reprodutiva, é crítico-reprodutiva; assim, atribui-se a este saber- é o que faz de Dewey em particular- um papel projetado também (e sobretudo) sobre a inovação social e cultural. Ao mesmo tempo, os processos educativos também se conotavam de forma mais marcadamente ideológica: isso ocorreu na família (que – tornando-se cada vez mais família nuclear, privada portanto de um *ethos seu*, de uma cultura *sua*, como ocorria de certo modo nas famílias extensas, de tipo patriarcal – abriu-se à influência da sociedade, por meio da comunicação e pelo envolvimento de todos os seus membros na vida social), na escola (que – estatizada e tornada obrigatória a todos – caracterizou-se pelas finalidades sociopolíticas que a revestiram, às vezes mais, às vezes menos, mas de maneira constante), no tempo livre (cada vez mais subtraído aos ritos e usos comunitários, religiosos ou não, ligados aos ciclos sazonais, a festividade civis- Para ser, pelo contrário, administrado por associações estatais ou econômicas ou sindicais etc. e, portanto, cada vez mais infiltrado de finalidades coletivas, de objetivos sociopolíticos, como o escotismo, as associações esportivas, os grupos paraescolares, as colônias de férias etc., que são bons exemplos pelo seu cruzamento entre diversão e conformação a modelos e valores). (CAMBI, 1999, p.383)

A moda desse século foi dividida por quatro períodos: Império, Romantismo, Era Vitoriana e *La Belle Époque*. A Revolução Francesa, de 1789 a 1799, trouxe significativas mudanças na maneira de se comportar e se vestir não só dos franceses, mas de muitos lugares na Europa, como afirma Braga (2007, p.56):

A palavra de ordem nesse intervalo de tempo era conforto. As roupas passaram a ser mais práticas e de fato mais confortáveis. Os aspectos característicos do antigo regime desapareceram tanto para mulheres quanto para homens. Nada mais de vestidos com *panier*, bordados excessivos, tecidos faustosos, corpetes, perucas e cabelos empoados. As roupas mudaram dramaticamente e o gosto pelo retorno à

natureza passou a ser uma constante. A influência agora era inglesa e vinha especialmente do campo, o que modificava, o aspecto da praticidade.

Somente depois dessas mudanças começa a florescer o estilo chamado moda império, que tem nítida inspiração greco-romana, pois nessa época o governo francês estava se inspirando no modelo de democracia grega e na república romana, o que mostra como a política pode influenciar a moda. A moda masculina adquiriu sobriedade e foi inspirada no estilo inglês, “o casaco passou a ser do tipo inglês de caça; o uso de botas também se tornou frequente, além de golas altas e ostensivos lenços amarrados como adorno de pescoço” (BRAGA, 2007, p.56). A indumentária feminina estava mais enxuta, os vestidos pareciam camisolas soltas com a cintura mais alta, abaixo da linha do busto, e geralmente eram feitos com tecidos leves e finos, o que gerou desconforto de serem usados em épocas de frio.

O estilo romântico de se vestir correu entre os anos de 1820 a 1840. As roupas femininas eram inspiradas no passado, pois naquele momento a burguesia poderia ostentar a riqueza que havia conquistado, as características mais comuns são que os vestidos voltam a ter cintura no lugar, as saias voltam a ter volume e os corpetes são usados novamente, as diferenciações estão nas mangas das roupas, como diz Braga (2007, p. 61), “o aspecto dos ombros femininos eram de quase o dobro da sua aparência normal, e essas mangas eram preenchidas, para obter o volume desejado, com plumas e fios metálicos”. A roupa masculina era inspirada num estilo que estava se desenvolvendo desde o início do século o chamado *dandy*, criado por George Bryan Brummel, que consistia uma maneira diferente de ser e conseqüentemente de vestir, esse estilo inspirou a moda masculina por todo século XIX. O uso da cartola também marcou esse período, os homens da classe de alto poder econômico faziam questão de usar o acessório, pois a cartola era símbolo de *status* e poder social.

A justeza da roupa de Brummel foi a marca registrada do conceito dos dândis. Suas roupas não podiam ter sequer uma ruga. Casaco, colete, calção ou calça comprida eram impecáveis. Nada de bordados, de jóias ou acessórios supérfluos. Nas camisas, as golas eram altas e os pescoços eram adornados com o *plastron*, espécie de lenço, que, com seus nós sofisticados, deixavam a cabeça suspensa, contribuindo assim para o aspecto da arrogância típico do dândi. (BRAGA, 2007, p.59).

A Era Vitoriana iniciou-se, por volta de 1850, no esplendor da sociedade capitalista, onde a indústria, o comércio e os negócios estavam no ápice. A moda masculina era cada vez mais sóbria, o homem estava entregue ao trabalho, quanto menos ornamentos a roupa tinha, mais a aparência de sério se construía, todo o ornamento era exposto pela moda feminina que

ficou marcada pelo uso da *crinolina*, com as saias dos vestidos cada vez mais volumosas, decotes com ombros a mostra e uso de tecidos e ornamentos suntuosos. O contraste visual entre as duas indumentárias era evidente.

Toda essa prosperidade obviamente influenciou a moda de então. A década de 1850 foi marcada especialmente pelo uso da *crinolina*. Era, na realidade, um tecido feito de crina de cavalo mesclado ao algodão ou ao linho, que tinha propriedades rijas e flexíveis ao mesmo tempo. A obtenção do enorme, cônico e circular volume das saias deveu-se ao uso de uma armação de aros de metal chamada *cage* (que em inglês e francês, significa gaiola). O conjunto da armação com a saia propriamente dita acabava sendo chamada de *crinolina*. (BRAGA, 2007, p.63).

Na penúltima década do século as mulheres passam a usar outro adereço que marcou a Era Vitoriana que foi a chamada anquinha, “o volume das saias ganhou novas proporções, deixando de ser totalmente circular, ficando reta na frente e volumoso e de aspecto circular somente na parte de trás” (BRAGA, 2007, p.64). Outro acessório bem comum usado pelas mulheres da época foram os leques. Com o passar do tempo as mulheres se ornamentavam cada vez mais retirando toda a praticidade na maneira do vestir, diferente das roupas usadas pelos homens.

*La Belle Époque* foi o último estilo adotado no século XIX e o primeiro do século XX. A moda feminina nesse período passa por dois momentos, o primeiro deles foi quanto ao uso de curvas cada vez mais acentuadas na silhueta feminina, o uso de espartilho fazia com que as mulheres ficassem com a cintura cada vez mais fina; o segundo momento está associado ao uso de uma moda esportiva, as mulheres passaram a praticar alguns esportes e isso fez que elas passassem a utilizar esse tipo de roupa no seu dia a dia. Já na moda masculina pouca coisa mudou, as roupas dos homens estavam cada vez mais práticas e funcionais.

Com relação ao uniforme militar usado na época, ele seguiu a mesma linha da moda masculina, com foco na funcionalidade. A imagem a seguir mostra as modificações desses trajes no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX.



**Figura 9- Evolução do uniforme militar nos séculos XVII, XVIII e XIX, na Itália.**



Fonte no site: Getty Images.<sup>9</sup>

Ao analisar o desenvolvimento do uniforme militar durante os séculos podemos concluir que ele se tornou símbolo da profissão de militar, agregando a essa indumentária os valores de força, autoridade, disciplina e patriotismo.

Entre o fim do século XVII e o começo do século XX, a história do traje militar apresenta todos os problemas de uma história da cultura das aparências. Ela mostra os imperativos materiais e tecnológicos, envolve a economia reflete os debates médicos, até mesmo os filosóficos, e destaca os desenvolvimentos específicos. O uniforme está presente em ambas as extremidades da vida militar, que começa com o recrutamento voluntário e termina com a baixa; ele treina e muda os homens, inculcando a disciplina do corpo e do comportamento, a higiene da roupa íntima e o conformismo da aparência aos novos fatos de uma antropologia racional do soldado. Ele produz muitos modelos, e seu sucesso depende tanto de fatores reais- o número de soldados, a presença do Exército- quanto de representações coletivas. (ROCHE, 2007, p. 261).

Todo esse breve histórico da evolução da moda até o século XIX serve de base para compreendermos o quanto a maneira de se vestir, tanto dos civis quanto dos militares, pode ter influenciado na construção do uniforme escolar. Para fazer um comparativo da vestimenta dos adultos com o objeto dessa pesquisa é preciso conhecer também como as crianças se vestiam no decorrer da História, pois são para elas que os uniformes escolares, geralmente, foram e são desenvolvidos.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/photo/uniforms-of-gamekeepers-of-sardinian-army-high-res-stock-photography/123720050>>. Acesso em: 11 maio 2016.

Ao folhear o livro *História do Vestuário no Ocidente* (2010) e observar suas inúmeras imagens é comum notar que poucas delas têm crianças. Uma das primeiras imagens que aparecem crianças é no capítulo VII do livro, que trata sobre a indumentária do século XIV ao XVI. O que se pode observar, através das imagens, é que bebês e crianças, por volta, até, dos cinco anos de idade, vestiam-se com uma espécie de bata e quase não havia diferença entre as roupas de menino e menina. Já no capítulo seguinte do livro, que retrata a indumentária do século XVI, é comum imagens de crianças junto com seus pais e é notável como as roupas usadas por eles são semelhantes, ou seja, as crianças se vestiam como os adultos e usavam os mesmos adereços.

**Figura 10- Roupas de Bebê século XVI.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 211.<sup>10</sup>

**Figura 11- Roupas de Criança século XVI.**



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 201.<sup>11</sup>

No século XVII as roupas das crianças continuam parecidas com as dos adultos, como afirma Boucher (2010, p. 250), “Mais do que nunca, no século XVII, as roupas das crianças são reduções das roupas de seus pais: garotinhos de calços e gibões, garotinhas de vestido longo com gola alta e avental de ponta”.

<sup>10</sup> BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 201.

**Figura 12 - Roupas das crianças século XVII** (*Nicolas de Largillière, James Stuart e sua irmã, c.1695, NationalPortraitGallery, Londres*).



Fonte: BOUCHER, 2010, p. 252.<sup>12</sup>

No século XVIII as roupas masculinas simplificam-se e consequentemente as dos garotos seguem a mesma linha, mas com visíveis modificações. “É a influência inglesa que, a partir de 1775, liberta verdadeiramente as crianças de todas as coerções até então em voga” (BOUCHER, 2010, p.286).

<sup>12</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



**Figura 13 - Roupas das crianças no século XVIII** (John Zoffany, A família Bradshaw, c.1770-1775. Tate Gallery, Londres).



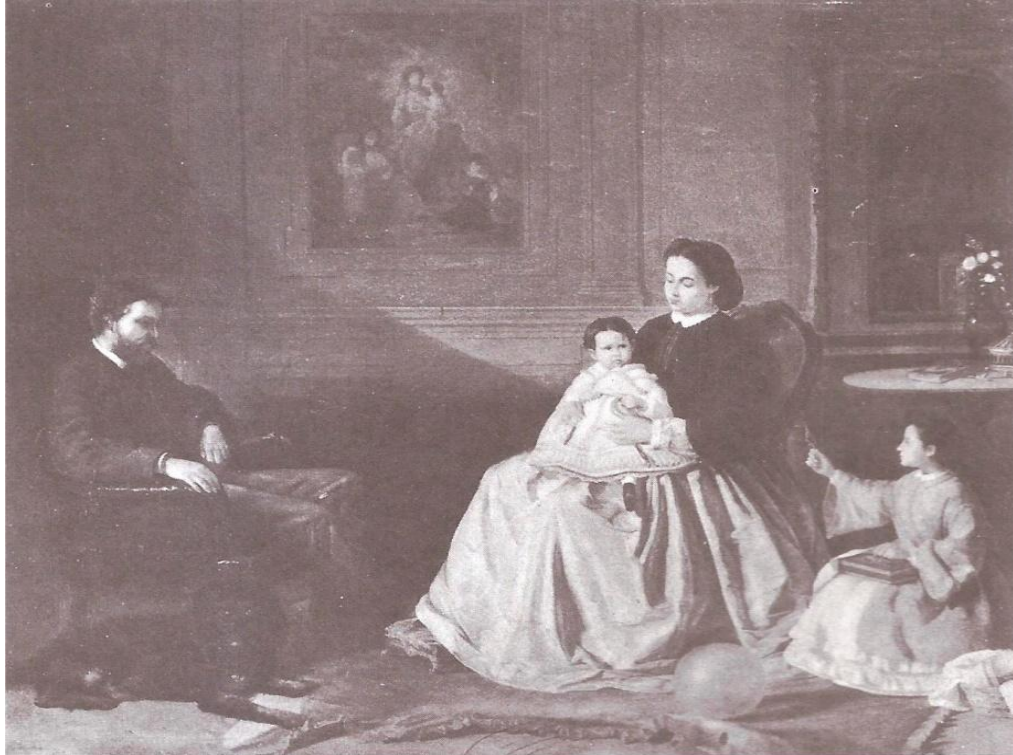
Fonte: BOUCHER, 2010, p.289.<sup>13</sup>

No século XIX, era comum ver os meninos usando blusa e calça inspirados no uniforme usado pelos marinheiros ingleses, esse estilo usado pelos meninos vai permanecer por quase um século. As meninas usavam vestidos com crinolinas adaptadas aos seus tamanhos, mesma indumentária usada pelas mulheres. Os bebês, tanto meninos e quanto meninas, continuam usando o vestido de batismo com grande avental bordado.

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 289.

**Figura 14 - Roupa de bebê século XIX** (Valeriano Becquer, Gustave Becquer e sua família, c. 1865, Museu Provincial de Belas-Artes, Cádiz).



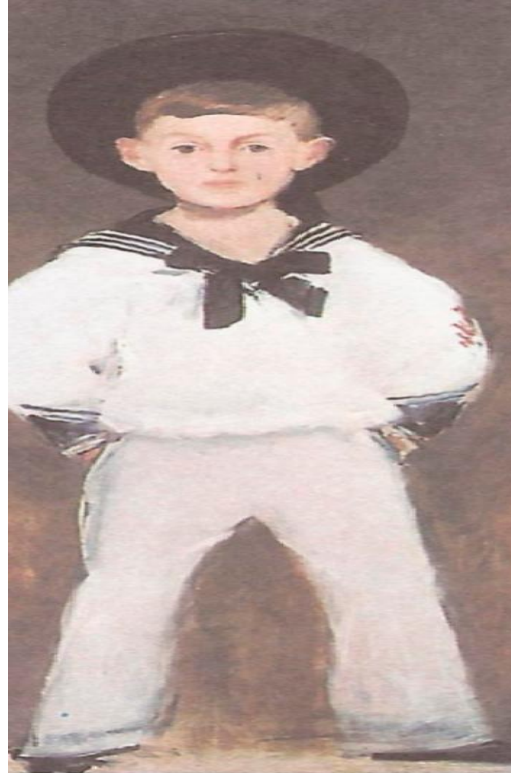
Fonte: BOUCHER, 2010, p.367.<sup>14</sup>

É no segundo terço do século XIX que encontramos menção a uma moda infantil nas revistas de moda. Ela é percebida em roupas de crianças e adolescentes para os quais alfaiates especializados começavam a sugerir criações especiais. Até cinco ou seis anos, os meninos continuam a usar saias plissadas presas no corpo do paletó; em seguida, com sete ou oito anos, um paletó e um calção semicolante, apertado nos joelhos por meio de botões. Depois virá a moda das roupas escocesas para os menores, ao passo que os maiores usam “o paletó bem cortado enviesado na cintura, com calção Luís XV. Quanto às *petitesdemoiselles*, seus vestidos deixaram de ser a cópia exata dos da mãe. Durante vários anos, em torno de 1880, as meninas usavam o vestido inglês, espécie de paletó-saco mais ou menos enfeitado, caindo sobre uma falsa saia plissada. Um cós bastante largo, situado bem embaixo, com o corte quase acima do joelho, deixava passar apenas alguns centímetros de saia. Um pouco mais tarde, o vestido, sempre na forma reta, folgará no cós sobre pregas dissimuladas por um cinto estreito. Essa forma reta permanecerá em uso até os primeiros anos do século XX, sob o nome de vestido *à l'américaine*. (BOUCHER, 2010, p. 394).

A partir do final do século XIX as meninas também passaram a adotar o estilo marinheiro em suas roupas como mostra a figura a seguir. A boina estilo francesa também fazia parte da produção.

<sup>14</sup> BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

**Figura 15 - Menino com roupa de Marinheiro** (*Édouard Manet, Henri Bernstein, 1881, col. part.*).



FONTE: BOUCHER, 2010, p. 368.<sup>15</sup>

**Figura 16 - Menina em roupa de marinheiro, 1897** (fotografia do *Musée de la Mode et du Textile*, col. UFAC, Paris).



FONTE: BOUCHER, 2010, p. 394.<sup>16</sup>

<sup>15</sup>BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 394.

#### 4 O FARDAMENTO ESCOLAR NO BRASIL, PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Foi durante o século XIX que temos os primeiros registros de uso do uniforme escolar no Brasil e ainda hoje há controvérsias quanto à origem da utilização do uniforme. Para Schemes e Thön (2010) o uso do uniforme foi iniciado no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1850. Já Marcon (2010) afirma que a origem foi na Escola Normal, em Niterói na primeira metade do Século XIX.

No Brasil os uniformes escolares passaram a ser utilizados entre 1800 e 1900 com o advento da Escola Normal, sendo que a primeira Escola Normal no Brasil surgiu em Niterói no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX com a função de capacitar professores para trabalharem no magistério de ensino primário. (MARCON, 2010, p.17)

O uso do fardamento foi, possivelmente, adotado pelas instituições educacionais para comunicar a sociedade quem elas eram e quais eram seus valores. Os alunos que trajavam uniformes sentiam-se parte de um grupo. Essa unificação da vestimenta, dentro das instituições escolares, além de fortalecer as relações entre os alunos também fortalece os valores de disciplina e respeito.

Se durante o século XIX não havia ainda uma prescrição mais agressiva acerca do uso de uniformes padronizados para os alunos de escolas públicas brasileiras, com o advento da República e a expansão do ensino, tal prescrição ganha força. [...] Ao se constituírem como símbolos de padronização, os uniformes foram considerados elementos fundamentais para a construção de um sistema educacional que postulava uma educação igual para todos. No caso brasileiro, sabemos que a igualdade pretendida escondia diferenças significativas. (RIBEIRO, 2012, p.582)

É importante ressaltar que diferenças sociais se manifestavam através dos uniformes escolares. Os uniformes das crianças pobres, ou de classe média baixa, eram mais velhos, surrados, muitas vezes de barra puída (rasgados) e amarelados.

Para compreender como foi implantado o uso do uniforme escolar no Brasil é necessário analisar os signos que as roupas e acessórios passavam para a sociedade de uma época. Segundo Barnard (2003, p. 23).

Diariamente tomamos decisões sobre o status e o papel social das pessoas que encontramos, baseado no que elas estão vestindo tratamos suas roupas como “hieróglifos sociais”, para usar o termo de Marx (1954:79), que escondem, mesmo quando comunicam, a posição social daqueles que vestem. Quer dizer que a moda e

a indumentária podem ser as formas mais significativas pelas quais são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais entre as pessoas.

Além das características como organização, uniformidade e igualdade das pessoas que vestem o traje, o uniforme mostra a imagem de uma instituição. Porém a escola utiliza o indivíduo para se comunicar, a individualidade do sujeito que veste a peça de vestuário pode acabar se anulando para que a característica de grupo prevaleça trazendo ideia de organização, disciplina e padronização, ou seja, todos aqueles indivíduos que usam a farda devem passar a mesma mensagem. “Usar uniforme é estar parcialmente ou totalmente censurado. É como se outra pessoa estivesse decidindo o que aquele que veste o uniforme pode ‘dizer’, ou ainda como se as pessoas uniformizadas estivessem todas gritando a mesma coisa” (LURIE, 1992, p. 18 apud BARNARD, 2003, p. 117). A instituição fala através do uniforme, o aluno se torna porta voz da instituição que representa. Esse tipo de linguagem é utilizado, também, por grupos militares e governamentais.

Para Michel Foucault o uniforme pode ser considerado uma ferramenta de dominação, pois tanto em instituições escolares, militares, religiosas, governamentais e prisionais o uniforme é usado para classificar o indivíduo e mostrar qual é o papel dele dentro daquela instituição. O indivíduo vestindo a farda sabe que naquele momento ele precisa se expressar e se comportar da maneira que a instituição quer que ele se comporte. Mas será que o uso do uniforme pode transformar as atitudes desse indivíduo? Se sim ou não, o uso dessa vestimenta impõe que ele cumpra regras e que seja disciplinado.

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (FOUCAULT, 1987, p.195).

Em instituições militares a disciplina é fundamental para o desenvolvimento profissional tanto de aspirantes quanto de oficiais, e o fardamento pode ser uma ferramenta usada, por essas instituições, para moldar a postura do indivíduo e dominar qualquer forma de expressão individual.

A necessidade de formar corpos e mentes encontra no uniforme um subsídio valiosos: é um treinamento, um recurso na educação da força individual controlada. O propósito fundamental por trás da padronização do traje militar não é tanto o indispensável objetivo tático de tornar as tropas reconhecíveis em ação mas o preparo e o treinamento dos corpos para o combate. É um instrumento num processo



que visa moldar o físico e a postura de um indivíduo combativo, cuja autonomia condiciona a docilidade e cuja obediência transforma a força individual em poder coletivo. O uniforme está no coração da lógica militar desenvolvida nos tempos modernos, a lógica *ultima ratio*, quando a guerra é um prolongamento necessário da política. Ele constrói o guerreiro para o combate mortal; impõe controle, fonte de eficiência na batalha e meio de poder social. O uniforme, em conjunto com os procedimentos da disciplina militar, não deve ser visto apenas em termos de docilidade e repressão, ou de instrumentalidade ideológica. Ele cria por meio da educação, esculpe um personagem e afirma um projeto político pela demonstração de onipotência. (ROCHE, 2007, p.234).

Dentro das instituições educacionais há muitas maneiras de disciplinar o aluno, a mais comum delas é através da distribuição das atividades escolares em determinado período, ou seja, cada atividade ou aula tem um horário estabelecido para ser executado, como afirma Foucault (1987, p. 176).

Nas escolas elementares, a divisão do tempo torna-se cada vez mais esmiuçante; as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente: À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino, e, ao primeiro toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos. Terminada a oração, o professor dará um sinal para os alunos se levantarem, um segundo para saudarem Cristo, e o terceiro para se sentarem.

Esse ritual de administrar as atividades e o tempo que serão executadas, dentro da escola, é uma maneira de disciplinar o aluno. O fardamento nesse momento é apenas mais uma ferramenta de dominação, pois mostra que todos que estão vestidos com aquela mesma roupa precisam executar as atividades estabelecidas pelo orientador ou professor, em determinado horário. Outra forma de disciplinar alunos e/ou soldados é através de punições por descumprimento das atividades e regras dentro das instituições, sejam escolares e/ou militares.

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1987, p.203).

A utilização dos uniformes escolares visa disciplinar e moldar o aluno, assim como foi feito durante todo o processo de implementação do uniforme militar no decorrer da História. Quando as escolas decidem que seus alunos devem trajar uniformes, possivelmente, é para

que aja uma padronização e que todos cumpram as mesmas regras, ou seja, que o aluno seja obediente como afirma Roche (2007, p. 247), “A quase total padronização é desse ponto de vista um espelho de obediência e eficácia. Na cabeça dos especialistas, ela é parte de uma crescente preocupação com a aparência, abrangendo traje e porte, que se espera seja sempre mais belo e harmonioso”.

Depois de compreendermos as representações e importância que o uso do uniforme escolar trouxe e traz para uma sociedade é importante observamos que foi somente em meados do século XIX que muitas instituições escolares optaram por implementar o uniforme aqui no Brasil. Essa opção se deu principalmente em decorrência da iniciativa dada pelo governo no período imperial, pois naquele momento estavam acontecendo algumas mudanças com relação a educação no Brasil. Embora essas mudanças fossem poucas e as vezes ineficientes a quantidade de escolas era maior em comparação a antes da independência, em 1822.

Em 1837, o Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, apresentou ao regente Pedro de Araújo Lima uma proposta para a organização do primeiro colégio secundário oficial do Brasil. O ministro acreditava que a instrução pública seria melhor do que a particular, que se mostrava inadequada, por ser oferecida em salas precárias e por professores mal preparados. (LONZA, 2005, p.33).

As primeiras escolas normais surgiram nesse período, no Brasil, e até se tornarem referência em vários lugares do país. Elas tiveram que enfrentar inúmeras dificuldades e mudanças, tanto com relação ao que era ensinado quanto referente ao período do curso. Com relação ao vestuário usado pelas alunas da escola normal pode-se observar que elas usavam “vestidos enfeitados com rendas, laços e babados” (LONZA, 2005, p.33), roupas, comumente, usadas pelas mulheres da época.

A primeira Escola Normal foi criada no ano de 1835, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, como afirma Piletti (2013, p. 103).

As primeiras escolas normais foram criadas nas províncias da Bahia e do Rio de Janeiro, na década de 1830, mas seus resultados foram pouco promissores. Os estudos normais abrangiam, além do ensino literário característico do curso secundário, algumas matérias relacionadas à função docente. Na escola mantida pelo poder central na capital do país, Rio de Janeiro, essas matérias vinculavam-se às áreas de Direito, Economia Doméstica, Agricultura e Pedagogia.

Também, nesse período, foi fundado o Colégio Pedro II, um dos mais tradicionais na época. Infelizmente a escola já nasceu com poucas vagas e direcionada para o público das classes dominantes. “O imperador se referia a ele como “meu colégio”, escolhia os professores, assistia as provas e conferia as médias. Muitos dos primeiros alunos ocuparam cargos públicos no Império” (LONZA, 2005, p.34). Nota-se que os primeiros investimentos educacionais eficientes nestes pais foram voltados para a elite.

O colégio Pedro II foi fundado e oficializado, por Decreto Imperial, como decorrência da reorganização do Seminário dos Órfãos de São Pedro. Batizado em homenagem ao Imperador Menino, no dia do seu 12º aniversário, 3 de dezembro, o Colégio Pedro II transformou-se em Instituto de Ensino Secundário pelo decreto de 2 de dezembro de 1837. (LONZA, 2005, p.34).

A imagem a seguir mostra como era o uniforme de gala do Colégio Pedro II, em 1855. Nota-se que o *design* do fardamento era de inspiração militar, ou seja, possivelmente a escola gostaria de transmitir alguns valores que as pessoas já reconheciam nos uniformes militares, como disciplina, unidade, organização e força moral.

**Figura 17 - Desenho dos uniformes de gala do Colégio Pedro II em 1855** (era chamado de fardamento por ser inspirado nas fardas militares).



Fonte: LONZA, 2005, p.35.<sup>17</sup>

No final do século XIX, as crianças ainda estão longe de se vestirem de forma simples e prática, com exceção da roupa estilo marinheiro que foi amplamente utilizada na época. “A transformação de seus trajes se limitará a seguir as formas cada vez mais simplificadas dos

<sup>17</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

trajes dos adultos” (BOUCHER, 2010, p. 394). O uso do fardamento nesse período fazia com que as crianças e jovens se sentissem especiais, eles sentiam orgulho por estarem usando aqueles trajes.

No começo foi fácil. Alguns alunos até se orgulhavam de pertencer a determinados colégios, pois dava *status*: eram caros, tinham tradição, história e -não raro- um lastro grande de formandos ilustres. O uniforme os diferenciava da plebe ignara, andavam todos de nariz empinado, empetecados. Nem sempre, contudo, o nível de ensino desses colégios acompanhava seu folclore. Podiam até ser caros, mas não necessariamente bons. Claudicavam em seu conservadorismo e não assimilavam com facilidade as mudanças de uma sociedade em constante mutação. Os uniformes muito menos. (LONZA, 2005, p.22).

No século XX mais instituições escolares procuravam estabelecer o uso de uniforme não apenas por questões disciplinares e de estética, mas também por questões de segurança do aluno fora da escola e nessa época os jovens estudantes também faziam questão de desfilar pelas ruas, nas idas e vindas da escola para suas residências, trajados com o uniforme, mostrando para a sociedade que eles eram estudantes e que tinham o seu valor. As instituições escolares ansiavam que seus alunos sentissem orgulho de vestirem o fardamento e pertencerem a uma determinada instituição.

Com o advento das escolas no Brasil e no mundo, houve a necessidade de caracterizar os alunos de cada estabelecimento através de uniformes que os identificassem com o nome, a tradição, o método e características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas. Essa medida visava, em primeiro lugar, a segurança extramuros do aluno em questão. O colégio, a partir da matrícula, se tornava responsável por ele. A recíproca também é verdadeira: O aluno tinha que honrar as cores, o nome e o símbolo da escola onde estivesse, mesmo na rua. Em segundo lugar, vinha a disciplina: era condição *sinequanon* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras de convívio da sociedade. (LONZA, 2005, p.21).

No início do século XX os uniformes escolares, de escolas tradicionais brasileiras, não acompanhavam as mudanças da moda que ocorriam na sociedade. Essas escolas condenavam certas mudanças de algumas vestimentas, e era comum ver nos uniformes características das roupas do século anterior, como afirma Lonza (2005, p. 23), “Enquanto as saias ficavam cada vez mais curtas no cenário social, a rigidez obrigava as alunas a se vestirem como no século XIX. Mostrar braços ou colo, nem pensar. Saias somente a baixo dos joelhos”. Esses mesmos colégios acabavam ficando também ultrapassados no seu maior objetivo, que era o ensino.

Já outras escolas, que ainda não tinham adotado o uso obrigatório de uniformes, as crianças iam para as escolas vestidas nos seus melhores trajes, totalmente inspirados na moda da época, e mesmo sem uniforme padrão acabavam se uniformizando por usar os mesmos elementos que a moda estava ditando, como afirma Lonza (2005, p. 45), “cada uma procurava mostrar seu estilo, mas a moda estava presente e, de certa forma, uniformizava a aparência do conjunto”.

**Figura 18 - Alunas da Escola Primária do Rio de Janeiro, com a professora, em 1901** (as meninas usavam vestidos elegantes para ir às aulas, já que não existia uniforme na época).



Fonte: LONZA, 2005, p.44.<sup>18</sup>

Na Escola Normal de São Paulo as moças já trajavam o famoso conjunto saia azul e blusa branca, mesmo não havendo na escola uma uniformização em padrão industrial.

Nas escolas normais, as moças já usavam o famoso conjunto “saia azul e blusa branca”, com muito pano e pouco corpo à mostra. As saias franzidas iam até o pé, as meias eram escuras, os sapatos fechados e as blusas brancas, sempre abotoadas até o pescoço. Como a roupa era confeccionada em casa ou na costureira, os volumes das saias eram diferentes, os tecidos utilizados mostravam vários tons de azul e as blusas brancas eram verdadeiras peças artesanais, com babados (jabôs), bordados, rendas, fazendo com que cada uma vestisse um modelo único. Já os meninos, principalmente os alunos dos tradicionais colégios religiosos, como São Luiz de Itu (SP), usavam austeros uniformes que refletiam o clima disciplinar da escola. (LONZA, 2005, p.45).

<sup>18</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

**Figura 19 - Turma da Escola Normal de São Paulo (futuro São Caetano de Campos, vestida já com certa uniformidade).**



Fonte: LONZA, 2005, p.45.<sup>19</sup>

A primeira grande guerra, que ocorreu de 1914 a 1918, impactou fortemente na maneira de vestir de homens, mulheres e crianças.

Com efeito, o período da guerra de 1914-1918 deixou, durante quatro anos, as mulheres soberanas na moda, libertando-as da dependência dos costureiros, dos quais apenas alguns reabriram suas portas a partir de 1917. Viram-se, assim, livres de sua própria submissão às exigências da costura no exato momento em que novas necessidades as levavam a procurar comodidades apropriadas ao modo de vestir. A contratação de operárias pelas fábricas de guerra, que acarretava uma redução da criadagem doméstica, as atividades de caráter hospitalar e beneficente empreendidas por mulheres da sociedade ou da burguesia, a substituição dos ausentes por esposas ou pais no comércio e até mesmo na indústria são tantas causas de caráter social que levaram umas e outras a mudar seu guarda-roupa e, mais que isso, a mudar sua perspectiva sobre o papel representativo da roupa. (BOUCHER, 2010, p.395).

Nesse período são abandonados os adereços e as roupas complicadas de se vestir. O novo cenário, enfrentado pelas mulheres, exige que o vestuário delas seja cada vez mais prático, principalmente nos ambientes de trabalho. “Nos meios em que a mulher exerce ocupações regulares, a roupa de trabalho tende a se uniformizar” (BOUCHER, 2010, p.395). Percebe-se aí o quanto a situação política e econômica enfrentada pela sociedade, nesse período, modificou os hábitos do vestuário das pessoas. Nesse momento, notamos o quanto a uniformização, tanto dos homens que estavam na guerra quanto das mulheres que tentavam sobreviver naquele cenário, foi essencial e importante para distinguir e representar as

<sup>19</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

profissões. Lembrando que esse cenário se refere ao período da I Guerra Mundial, na Europa, mas que podia ser notado com menos evidência aqui no Brasil.

O autor João Braga (2007) afirma que no belicoso período de 1914 a 1918, a moda sofreu algumas mudanças, que na realidade, foram verdadeiros ajustes aos tempos. Nas roupas desse momento, predominavam os tons escuros, o preto por excelência, mas foi nas formas propriamente ditas que as mudanças mais se fizeram notar (p.70). Nesse mesmo período surgiu o primeiro sutiã, patenteado em 1914 por *Mary Phelps* nos EUA, substituindo os espartilhos e também foi comum o uso de roupas escuras e de tecido de algodão rígido, dois elementos presentes nos trajes escolares.

Estudantes da Escola Normal, nesse período, passavam uma postura cada vez mais séria e recatada. Os elementos do vestuário, saia azul e blusa branca, continuavam, mas agora as blusas continham menos detalhes.

Pelas ruas do centro de São Paulo, circulavam os estudantes da Escola Normal, futuros professores do ensino primário. As normalistas chamavam a atenção nas ruas, vestidas de azul e branco, com uniformes mais modernos, seguindo as tendências de moda, mas mantendo a sobriedade. As mocinhas usavam saias longas, agora tipo *evasê e*, menos volumosa. As camisas brancas não tinham tanto detalhes e, algumas vezes, exibiam gravatas compridas, que conviviam com as borboletas amigavelmente. Para eles e para elas, a seriedade e o recato imperavam na postura dos futuros professores primários. Os uniformes masculinos foram introduzidos aos poucos nas escolas brasileiras, criando o estilo “pequeno adulto”: terno escuro e camisa branca. (LONZA, 2005, p.63).

A Primeira Guerra Mundial influenciou nas características das roupas da década de 1920. Por mais que essas mudanças fossem vistas mais no continente europeu alguns anos depois essas mudanças chegariam às roupas dos brasileiros e influenciariam os uniformes escolares da época. Assim, as mulheres deixaram os espartilhos de lado e passaram a usar roupas mais frouxas e saias mais curtas, “essas mudanças eram por necessidade de ocupar funções específicas de trabalho, facilitando assim o bom andamento das ações” (BRAGA, 2007, p.70). Foi durante a Primeira Guerra Mundial que a silhueta “S”, comumente usada pelas mulheres no século XIX, cede lugar a vestidos soltos, cintura e calças retas e quimonos. Como afirma Rigueiral e Rigueiral (2002), dentro de uma situação difícil e de meios escassos, as mulheres substituíram os homens em muitas ocupações, a característica predominante da época foi uma moda austera e funcional, inspirada nos uniformes.



As mulheres, cada vez mais independentes e já com poder de voto, decidiram abandonar de vez as antigas regras, subindo as barras das saias e usando modelos de vestidos (bem) mais abertos e soltos. A cintura desceu em modelagens de forma reta e muitas franjas que balançavam ao som do Charleston. (LONZA, 2005, p.81).

Os acontecimentos históricos mexem com a moda e mudam hábitos e costumes de uma época. O que cabia e era oportuno de se usar passa a não ser conveniente depois que fatos modificam a rotina de uma sociedade e isso foi visto no período pós Primeira Guerra.

Entre 1920 e 1925, a roupa se adapta à situação, em seu conjunto, aceitando um estilo despojado evocativo da *Belle Époque*. Para uma mulher mais livre, acostumada ao trabalho, adepta do esporte e da dança, a moda se pretende prática, negligência a cintura e o busto, encurta a saia, suprime o espartilho em prol de uma cinta-liga, inova no pijama, corta os cabelos curtos. É essa moda, encontrada pelos homens desmobilizados em suas companheiras de formas delineadas, voluntariamente jovens e com certo ar masculino, que os surpreende, mas lhes proporciona a sedução do imprevisto, o da *garçonne* de amanhã... (BOUCHER, 2010, p.397).

Foi nesse mesmo período em que *Chanel* surge na moda. Suas peças traziam uma estética masculinizada e com elementos utilizados pelas organizações militares “a saia azul pregueada, a blusa branca com gola de marinheiro, completados por meias e sapatos” (SCHEMES; THÖN, 2010, p. 3), elementos estéticos frequentes utilizados pela estilista em suas coleções foram observadas em uniformes escolares no século XX. Foi durante as décadas de 1920 e 1930 que o uso do uniforme passa a ser incorporado pela maioria das escolas no Brasil.

Nos anos 1920, no Brasil, grupos menos privilegiados passaram a frequentar escolas com o movimento da Escola Nova, que apoiava a universalização da escola pública, laica e gratuita, e a uniformização desses novos alunos passou a ser de muita relevância. Esse movimento foi muito importante na história da pedagogia, pois representou a tomada de consciência da defasagem entre a educação e as exigências do desenvolvimento. (ARANHA, 2006 apud SCHEMES; THÖN, 2010, p.04).

O ano de 1929 foi marcado pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, uma crise econômica que afetou todo o mundo, inclusive o Brasil. Foi nesse ano também que a Diretoria Geral de Instrução Pública lançou o primeiro livro de uniformes escolares, chamado *Uniformes Escolares - Distrito Federal*. O livro descrevia minuciosamente como deveria ser o uniforme escolar das escolas públicas. O trecho a seguir foi citado por Lonza (2005, p. 91):

Escolas Primárias- A Blusa é branca, de mangas compridas, de tecido não transparente, com punhos abotoados ou com pressões, tendo um bolso do lado esquerdo. Largura: golas, punhos, e bainha com 6 cm de fio direto. O monograma é



bordado no bolso com linha D.M. C. azul-marinho escuro, em ponto ceio. A saia é de tecido azul-marinho escuro, com três pregas de cada lado. A gravata é feita de uma tira comprida do tecido da saia, de 5 cm de largura, tendo as extremidades presas à blusa por botões e alças. Cadarços brancos estreitos, colocados horizontalmente, diferenciam os anos do curso primário. Calçados e meias pretas. Escola Normal- Blusa branca de pano não transparente (morim, linho ou tricoline), com botões de madrepérola, punho e gola de 7 cm de largura, cinto em casimira branca de 3 cm de largura. Gravata de fita de gorgorão número 12 azul-marinho escuro, preso por distintivo da Escola Normal feito de metal prateado. Saia de casimira azul-marinho escuro toda em machos de 10 cm. Casaco de casimira azul-marinho escuro com dois bolsos e botões cobertos da mesma fazenda. Calçados pretos. Chapéu de feltro azul-marinho com fita de gorgorão também azul-marinho número 9 passada em volta da aba, terminando num laço do lado direito. Os anos de curso serão distinguidos por cadarços de cor azul-marinho presos no punho sendo para cada curso anexo cordão estreito de ½ cm e para o normal cadarço de 1cm.

A década de 1930 iniciou-se com uma grande crise econômica mundial, mas paradoxalmente ao período vivido a moda daquela época refletia luxo e sofisticação inspirados nas divas do cinema. Os vestidos voltam a ficar mais compridos, a cintura também volta para o lugar e agora as costas são evidenciadas, principalmente nos vestidos de noite. A moda masculina sofreu poucas modificações, somente a largura de calças e paletós tiveram variações.

Como é da natureza da moda contestar o que está em vigência e privilegiar algo novo, o momento dos anos 1930 negou toda aquela androgenia e praticidade do decênio anterior para focar seus padrões de feminilidade. Os vestidos encompridaram-se novamente. Para o dia, prevaleceu o comprimento de 25 cm de altura do chão, o então chamado *mi-molet*, que em francês quer dizer “no meio da panturrilha”; para a noite, os longos (pouco usados nos anos de 1920), voltaram a fazer parte do guarda roupa feminino. Mesmo com a recessão, o aspecto das roupas era de elegância sofisticada. (BRAGA, 2007, p.76).

Foi durante a década de 1930 que houve no Brasil o movimento da Escola Nova e que trouxe mudanças na forma de ensinar.

Com o surgimento e a divulgação do “saber científico”, fundado nas ciências positivas da natureza e com grande influência do discurso pedagógico psicológico, o saber do educador deixa de ser o centro de gravidade das práticas docentes, enquanto o ato pedagógico vai centrando-se progressivamente no educando. Este pensamento educacional, concretizando-se no grande movimento da Escola Nova, impulsionou a formação do educador em Escolas Normais, aproximadamente em 1888, e a formação superior pelas faculdades de filosofia, ciências e letras, a partir de 1930. (RIBEIRO, 2010, p.105).

Os educadores viam que a escola da época era uma réplica da sociedade do século anterior, era necessário mudar a forma como se ensinavam e foi Anísio Teixeira, educador baiano, líder do movimento da Escola Nova em 1930, o maior estimulador destas mudanças. “A Escola Nova era democrática e trabalhava a heterogeneidade através de uma política de

ampliação das elites, reunindo alunos abastados e remediados debaixo de um mesmo teto” (LONZA, 2005, p.100). Foi nesse momento que houve um maior interesse de uniformizar os alunos, como foi o caso da Escola Normal do Rio de Janeiro.

Entre 1931 e 1939, Anísio criou uma rede municipal de ensino, da escola primária à Universidade, ampliando as matrículas; criando serviços de extensão e aperfeiçoamento e as Escolas Técnicas Secundárias; e transformando a antiga Escola Normal no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, referência do movimento educacional pós-ano 30. A mudança do Instituto para a sede da rua Mariz e Barros efetivou-se a 12 de outubro de 1930, com alunos e professores ajudando no transporte de carteiras e materiais, com receio de que os revolucionários vitoriosos se instalassem no prédio recém-terminado. Antes da mudança para o novo prédio, a Escola Normal não tinha uniforme, os alunos vestiam roupas de uso comum. Mesmo depois da mudança, eles continuaram sem uniforme até 1939. A roupa que se tornou clássica como uniforme de normalista começou a ser usada no Curso Ginásial e no Complementar. Em 1940, foi criado o primeiro uniforme para a Escola de Formação de Professores do Instituto de Educação: saia azul-marinho evasê, blusa branca manga curta, com bolso do lado esquerdo, onde se colocava um lençinho e o emblema, com uma ou duas divisas. O uniforme foi desenhado pela estudante Odette Vieira Vasconcellos, que fazia parte da classe das formandas. As moças se sentiam prestigiadas ao desfilar com o uniforme pelas ruas da cidade. (LONZA, 2005, p.98).

A democratização do uso do uniforme ocorreu nesse momento, pois antes só os jovens de classe alta frequentavam escolas e usavam uniformes, depois da democratização do ensino, onde jovens ricos e pobres estudavam nas mesmas escolas e trajavam os mesmos uniformes, não se percebia as diferenças de classes sociais e econômicas. “A sociedade era obrigada a ver indivíduos numa coletividade” (LONZA, 2005, p.100). Esse movimento gerou controversas, pois muitos não concordavam com o que Anísio Teixeira estava propondo e fazendo, que era juntar jovens de classes sociais diferentes num mesmo “barco”. “A escola nova era vista no afã de dissolver a família e perverter moralmente as crianças” (LONZA, 2005, p.101).

**Figura 20 - Solenidade cívica com alunos do curso secundário e do curso de formação de professores do Instituto de Educação, em 1942 (com os primeiros uniformes de normalistas e do curso ginásial que se tornaria o uniforme clássico da escola. A primeira aluna à direita é Lúcia Rosada.**



Fonte: LONZA, 2005, p. 117.<sup>20</sup>

A Era Vargas (1930-1945) foi de grande avanço para a democratização da educação como afirma Schemes (2013, p.4), “não era mais possível distinguir com facilidade a qual grupo social cada criança ou jovem pertencia, e o governo fornecia o uniforme para os alunos mais pobres”.

A partir da metade da década de trinta a moda começa ganhar influências dos uniformes militares. “As roupas femininas, de fato, masculinizaram-se e a grande moda foi o uso de duas peças, para qualquer momento, fosse do dia ou da noite. Saias bem mais justas e casaco compunham a toalete feminina em tecidos simples e que, normalmente, eram racionados” (BRAGA, 2007, p.79).

<sup>20</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

Esse período é considerado os anos de depressão na moda, pois foi nesse momento que o mundo viveu uma sucessão de conflitos políticos, econômicos e militares; e esses conflitos refletiam até no quanto, cada mulher, poderia consumir de tecido por ano. “A mulher deveria dedicar-se às tarefas domésticas, ter filhos, ajudar o marido e ser-lhe sempre uma visão agradável. O modelo de mulher emancipada, esportiva e ativa dos anos 20 dá lugar a um mais submisso, conservador e feminino” (RIGUEIRAL; RIGUEIRAL, 2002, p.28).

Com a Segunda Guerra Mundial também ocorreram mudanças na indumentária, como afirma Braga (2007), a moda da segunda metade dos anos de 1930 começou a ganhar certa masculinização influenciada pelos uniformes dos soldados, como um prenúncio dos anos de guerra. As guerras foram influência direta nas roupas da primeira metade do século XX e, por sua vez, acabaram influenciando os uniformes escolares.

As modificações sociais que se refletiram na moda com as consequências notadas no *design* dos uniformes escolares, com especial atenção sobre quanto algumas instituições inspiraram e/ou determinaram a forma e a estrutura do vestuário usado na escola, como é o caso do Exército e da Igreja. (MARCON, 2010, p.7)

Foi na década de 1940 que o uso de uniformes passa a fazer cada vez mais sentido para alunos e sociedade. A sua utilização iniciou com objetivo de identificar alunos e escolas a fim de garantir segurança e disciplina. Marcon (2010, p. 17) afirma que, “com a deflagrada intenção de simbolizar cores, nome e símbolo da escola permearam os objetivos da criação do uniforme escolar”.

Para Silva (2006, p. 106) “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade”.

Uma das principais funções do uniforme escolar é exatamente esta: transmitir disciplina, organização e segurança para seus alunos. O uso do uniforme visava à segurança do estudante fora da escola.

O gradativo aumento do número de escolas no Brasil, trouxe a necessidade de caracterizar os alunos de cada instituição de ensino, através dos uniformes. Essa indumentária, própria de cada estabelecimento, deveria indicar, além do nome, “a tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas. (SCHEMES; ARAUJO; THÖN, 2013, p. 5).

Nas principais instituições escolares do país, como era o caso do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, os alunos faziam juramento horando o uniforme, “assumo compromisso de honrar o uniforme, que respeito e que usarei com dignidade e altivez” (LONZA, 2005, p.120). O fardamento escolar precisava estar impecável e estar de acordo com as normas estabelecidas pela escola. O clima bélico mundial influenciou muitas escolas nessa época, principalmente com relação ao uso do uniforme e sobre a postura que alunos deveriam ter quando estivessem utilizando os trajes escolares. Os uniformes nesse período não sofrem modificações, mas essa decisão é proposital, pois através da constância no uniforme a escola estaria construindo sua identidade perante alunos e sociedade.

O ano de 1945 foi marcante tanto pelo fim da segunda guerra quanto pela educação e política do nosso país. Esse período marca o fim do Estado Novo e a eleição de um novo presidente.

Foi a época áurea das escolas públicas, em todas as esferas e em todo o Brasil. O ensino público era considerado o de melhor nível do país, os professores eram excelentes, bem preparados e bem remunerados. Muitas famílias mais abastadas colocavam os filhos na escola pública. (LONZA, 2005, p.137).

A moda nesse momento, especificamente a americana, estava bem estabelecida, mesmo tendo saído de uma guerra. Tanto que foi criado o *ready to wear*, ou seja, o mesmo modelo de roupa era produzido em escala industrial em vários tamanhos diferentes, logo os franceses se apropriam da ideia e lançam o *prêt-a-porter* que funcionava da mesma forma. A moda no pós-guerra foi marcada pela construção da identidade de grupos jovens, principalmente por aqueles que foram influenciados por grupos musicais. O estilo de vida, a maneira de vestir dos jovens dessa época muda completamente.

A escolaridade se prolongou e o número de estudantes com acesso a um ensino complementar se multiplicou. Pela primeira vez, “os jovens”, como se começa a chama-los com uma ponta de apreensão, são considerados uma categoria à parte, com ocupações, gostos e modos de vestir específicos. (BOUCHER, 2010, p.413).

Em meados do século XX, o símbolo das escolas nos uniformes escolares fazia papel de *status*, pois através dele poderia se conhecer a classe social do jovem que o vestia, como conta Marcon (2010, p.18) citando o jornalista Daniel Dantas: “Entre as décadas de quarenta e setenta do século passado, a aceitação social deste período se dava mais através do símbolo

que o uniforme representava e este era também um indicativo de *status*". O uniforme além de representar os valores da instituição passa também segurança para seus alunos, o uso do uniforme visa à segurança do estudante fora da escola.

A partir da década de 1950 as roupas começam a ganhar novos ares com o chamado *New Look de Dior*. O padrão estético da época era com cintura marcada e saias rodadas, mesma estética utilizada no uniforme escolar feminino. A feminilidade estava de volta à moda, mas nunca havia saído da indumentária escolar que até o momento optava por seguir sempre a mesma linha estática para o fardamento das moças. A moda colegial fez parte do estilo de vários jovens que adotavam o estilo rock, fora da escola, na década de 1950.

Nessa época, os uniformes tiveram um papel especial- a chamada moda colegial- inspirou a moda jovem. Eram as saias rodadas combinadas com blusas mais simples, sapatos baixos e suéter para meninas e jaqueta e suéter para os rapazes. As camisetas, usadas por baixo da camisa ou nas aulas de Educação Física, tornaram-se peças indispensáveis no vestuário jovem masculino. (LONZA, 2005, p.160).

Com relação à educação, a década de 1950, no Brasil, foi marcada por movimentos de educação popular e pela luta por escolas públicas. Até o ano de 1964, vários movimentos mereceram destaque como afirma Pilette (2013, p. 199), "Campanha de Educação de Adultos, o Movimento de Educação de Base e o programa Nacional de Alfabetização". Durante toda essa década Paulo Freire disseminou suas técnicas de alfabetização assim democratizando a educação no nosso país.

Durante toda a década de 1950, Paulo Freire veio acumulando experiências no campo da alfabetização de adultos em áreas urbanas e rurais próximas a Recife, experimentando novos métodos, técnicas e processos de comunicação. A partir de 1961, o método, já praticamente estruturado, foi posto em prática no Recife. Em 1962, estendeu-se a João Pessoa (Paraíba) e a Natal (Rio Grande do Norte), onde se desenvolveu a campanha "De pé no chão também se aprende a ler". A experiência que deu divulgação nacional ao método, porém, foi realizada em Angicos, no Rio Grande do Norte, cujo encerramento contou com a presença do Presidente João Goulart. A ideia básica do Método Paulo Freire é a adequação do processo educativo às características do meio. (PILETTI, 2013, p. 193).

A partir do ano de 1964, com o Golpe Militar, muitos desses programas de educação popular foram mudados ou até instintos e grande parte dos educadores passaram a ser perseguidos e estigmatizados por causa das suas posições ideológicas. A educação passou a ser autoritária.

A partir de 1964, a educação brasileira, da mesma forma que outros setores da vida nacional, passou a ser vítima do autoritarismo que se instalou no país. Reformas foram efetuadas em todos os níveis de ensino, impostas de cima para baixo, sem participação dos maiores interessados- alunos, professores e outros setores da sociedade. O regime instalado em 1964, com a deposição do presidente constitucional João Goulart, pretendeu frear os avanços e as conquistas populares que estavam se verificando no período anterior. (PILETTI, 2013, p. 204).

Dentro dos colégios nessa época o que vigorava eram os costumes antigos, embora, fora dos muros das escolas, os jovens buscassem outras ideologias de liberdade de expressão.

Os anos 60 viram os conflitos ideológicos se instalarem nas escolas brasileiras: os estudantes, considerados suspeitos pelos militares, se afirmavam, como jovens, nos colégios. A moralidade era outra razão de conflito: apesar da revolução sexual, da pílula anticoncepcional e dos Beatles, dentro dos colégios, vigorava a moral antiga, com meninos separados das meninas, namoros proibidos até nas regiões próximas aos colégios e os uniformes davam as garotas um visual de quase duas décadas antes. (LONZA, 2005, p.170).

A moda na década de 1960 foi transgressiva. O estilo *new look* de cintura marcada desaparece. A maioria das mulheres passa a usar roupas mais folgadas e aderem à calça comprida ao seu guarda-roupa. Com relação ao fardamento, a maioria das escolas optava ainda pelo estilo social no uniforme: saias plissadas ou pregueadas e blusa branca para as meninas, calça comprida em tecido e camisa branca para os homens; esse estilo do uniforme estava se contrastando com a moda que os jovens estavam usando na rua.

Os significados de cores, formas e silhuetas podem apresentar variações em sociedades diferentes, por exemplo, no ocidente a cor branca representa paz, no oriente ela representa luto por aqueles que já morreram. No ocidente o luto é representado pela cor preta. O significado dos objetos pode mudar no decorrer do tempo e espaço, pois é o homem que atribui valor aos elementos e são esses valores que ajudam na construção da identidade cultural de uma sociedade. Os elementos utilizados para representar uniformes, tanto os militares quanto os escolares, traziam basicamente os mesmos valores que eram disciplina, organização e representação de uma instituição, mas esses elementos não eram usados restritamente por esses órgãos. O estilo do uniforme influenciou jovens e artistas.

Por exemplo, alguns jovens se tornaram conhecidos por usarem uniformes excedentes do Exército para assinalar a sua rebelião contra a sociedade da qual supostamente fazem parte. Nos anos 60, os Beatles apareceram na capa do seu álbum *Sergeant Pepper*, vestidos com roupas lembrando uniformes militares, e Jimi Hendrix ficou conhecido por aparecer em cena trajando algo semelhante. (BARNARD, 2003, p.115).

Nesse período, onde os jovens do mundo cultivavam hábitos de liberdade, usavam cabelos compridos e roupas inusitadas, no Brasil o jovem era obrigado a seguir regras e ser disciplinado dentro e fora da escola. Os uniformes escolares utilizados na época eram antagônicos em relação à moda que os jovens usavam nas ruas, uma moda que quebrava padrões, que cada indivíduo se vestia da maneira que achava mais interessante, pois a moda na época era não seguir uma moda.

A calça jeans e a camiseta tinham virado o uniforme das ruas, mas eram proibidas na maioria das escolas. As mocinhas que usavam os vestidos tubinho, linha saco e trapézio, tinham que usar a cintura marcada nos uniformes, uma coisa totalmente fora de moda, com saias apertadas na cintura, algumas vezes com cinto para apertar ainda mais. O ponto mais destoante, porém, era o comprimento das saias. A estilista inglesa Mary Quant tinha acabado de criar a minissaia, vista com ojeriza desenfreada pelos diretores de colégio. As estudantes mostrando as coxas? Nem pensar. (LONZA, 2005 p.171).

Apesar disso, a moda *hippie* da década de sessenta foi marca por ser uma época de mudança no comportamento e nos relacionamentos entre as pessoas dentro da sociedade. O lema de “Paz & Amor”, símbolo dessa década, estava representado na maneira livre de se vestir, sem padrões estabelecidos por um mercado de moda, por cultura religiosa, por poder militar ou político. No Brasil, como a ditadura estava presente, “estudantes e professores lutam para manter o clima de paz, amor e liberdade nos colégios, para impedir que os ventos ditatoriais os invadissem. Nem sempre conseguiam” (LONZA, 2005, p. 172).

Foi a partir da década de 1960 que começa haver crescimento considerável da indústria de confecção de roupas, no Brasil. E esse desenvolvimento fica mais evidente e consistente nas duas décadas seguintes com a urbanização das cidades e o crescimento profissional das mulheres. Esse mercado cresceu principalmente por causa da popularização das fibras sintéticas, como afirma Bonadio (2014, p. 55):

O mercado do *prêt-à-porter*, que então começa a emergir, encontra condições favoráveis à sua instalação no Brasil, entre outros fatores, na popularização das fibras sintéticas e mistas, que ampliam e diversificam a produção de vestuário. A este cenário juntou-se um mercado interno de roupas em crescimento rápido com sua posição alterando-se à medida que se expandiram, em efetivos e percentuais, as classes médias no conjunto da população e da força do trabalho. Enfim, um Brasil mais urbanizado, mais escolarizado, com classes médias mais amplas, e de mulheres mais profissionalizadas ofereceu estímulo continuado à produção industrial de roupas, à pesquisa de bens mais apurado se à renovação mais rápida de modelos.



Foi no final da década de 1960 e início de 1970 que os uniformes passaram por mudanças. Antes confeccionados somente com tecidos que amassavam facilmente, passaram a ser confeccionados com fibra sintética de poliamida, a chamada helanca, malha que tem alta resistência, secagem rápida, que não amassa e tem bom caimento. Essas mudanças foram observadas, principalmente, nos fardamentos de educação física. Lembrando que algumas escolas foram resistentes a essas mudanças e continuavam exigindo que seu fardamento fosse fabricado com tecido de algodão. As escolas que optaram pela mudança puderam notar que a malha traria praticidade para a vida do estudante.

Uma mudança radical na história dos uniformes escolares no Brasil começou na década de 1960, com o aparecimento da helanca, oferecendo muitas vantagens sobre os outros tecidos: alta resistência, não precisava passar o ferro, não se deformava com o uso, secava muito rapidamente e não encolhia, além de oferecer muito mais cores, possibilitando inúmeras combinações e também bom caimento. As escolas tiveram possibilidade de escolher cores específicas e acompanhar as mudanças da moda jovem na determinação do seu uniforme. Essas mudanças foram ocorrendo nos anos 70 e 80, época em que, na maioria dos colégios no Brasil, a opção era os agasalhos esportivos, os trainings, em várias versões: short, calça comprida e tênis ou sapato de todos os tipos, incluindo sandálias de plástico. Alguns colégios continuavam oferecendo a opção de uso de calça, saia ou bermuda jeans, mas as jaquetas ou blusões eram sempre do modelo esportivo, mudando completamente o estilo dos uniformes. (LONZA, 2005 p.176).

Em pleno auge da Ditadura Militar no Brasil as mudanças no fardamento foram observadas em poucas escolas, como por exemplo, o colégio Caetano de Campos.

**Figura 21 - Comemoração dos 70 anos do Jardim de Infância do Colégio Caetano de Campos no ano de 1966.**



Fonte: LONZA, 2005, p.176.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

Na imagem a seguir observam-se as mudanças que ocorreram no fardamento da Escola Caetano de Campos. Os alunos do jardim de infância já trajados com fardamento confeccionado com tecido de fibra sintética, outra observação importante que podemos perceber através da imagem é com relação ao uso do agasalho esportivo que se tornou parte do fardamento.

**Figura 22 - Turma do jardim de infância do Colégio Caetano de Campos mesclando os uniformes antigos com os novos.**



Fonte: (LONZA,2005, p. 176)<sup>22</sup>

Também nesse período nota-se as mudanças ocorridas no fardamento das normalistas do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, no ano de 1969. Observa-se que as saias ficaram mais curtas.

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 176.

**Fig. 23 - Normalistas do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, 1969.**



Fonte: LONZA, 2005, p.177.<sup>23</sup>

O hábito de consumo dos brasileiros de comprar roupas prontas cresceu significativamente nessa década e esse tipo de comportamento está diretamente ligado ao universo feminino, como afirma Bonadio (2014, p. 59) “dois principais indicadores aqui utilizados para mostrar o crescimento da indústria de confecção e da consciência de moda no País são: o número de confecções para mulheres e o conteúdo das revistas femininas”.

A moda do início da década de 1970 foi influenciada pela da década anterior. Os movimentos de liberdade ocorridos tanto em Londres como na Califórnia, como o *Flower Power* e *Black Power* influenciaram os jovens, aqui no Brasil, que estavam sofrendo com a represália do movimento ditatorial que estava presente em nosso país na época.

Houve variações na moda no decorrer de toda a década de 1970, das saias longas a curtas, do estilo “*glamrock*” ao “*punk*”, a moda sem nenhuma dúvida foi democrática, e todos esses estilos tinham algo em comum que era a jovialidade. A moda, então havia se diversificado muito. Uma série de opções de estilos foram se tornando referências de moda, porém, sempre prevalecendo o aspecto da jovialidade com características de praticidade e conforto relativos à sua época. (BRAGA, 2007, p. 90).

A juventude dentro e fora da escola clamava por liberdade. Foi nesta década que escolas de padres, que antes só recebiam matrículas de meninos, passaram a matricular

<sup>23</sup> LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

meninas, alguns colégios desse tipo passaram a ser mistos. Esse fato mostra como os movimentos sociais podem mudar hábitos de uma sociedade.

Os uniformes escolares, dessa época, puderam se tornar mais maleáveis e confortáveis, as inovações na indústria têxtil possibilitaram mudanças. Os tecidos e malhas utilizados para fabricar os fardamentos eram definidos, pelas escolas, baseado no clima de onde a escola se localizava e também na praticidade do uso. Alguns colégios optaram por determinar que as blusas dos uniformes passassem a ser feitas de malha e a calça de tecido resistente. Em alguns colégios mistos foi comum notar que tanto meninos quanto meninas passaram a usar o mesmo modelo de uniforme, para aquelas escolas mais tradicionais essas mudanças só ocorreram nas décadas seguintes.

As décadas de 1960 e 1970 trouxeram mudanças no comportamento dos jovens que refletiram na moda e nos hábitos da sociedade. A ditadura no Brasil, nesse período, não foi empecilho para que as mudanças ocorressem. No âmbito dos uniformes escolares, no Brasil, essas mudanças continuaram ocorrendo nas décadas seguintes. Embora o uso, formas, tecidos e cores dos uniformes continuassem a ser definidas pelas escolas, agora elas estavam atentas aos hábitos dos jovens estudantes, ao clima de onde a instituição se localizava e as necessidades de uso de acordo com as atividades realizadas dentro das escolas.

## 5 UNIFORME ESCOLAR NO CEARÁ

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram elencadas duas escolas como principais objetos de estudo. A primeira delas é o Liceu do Ceará, criado em julho de 1844, sendo a quarta escola mais antiga do Brasil, e com forte influência do Colégio Dom Pedro II do Estado do Rio de Janeiro, aquela época capital do Império. Foi dirigida pelo Dr. Thomas Pompeu de Souza Brasil, o Senador Pompeu. A segunda escola trata-se da Escola Normal do Ceará, inaugurada em 1884, num período marcado pela busca de profissionais de educação. (SILVA, 2008).

Para descobrir como foram construídos os uniformes escolares do Colégio Liceu do Ceará e da Escola Normal do Ceará foi necessário mergulhar na memória de ex-alunos e perceber a importância que essas escolas tiveram para a formação profissional e pessoal deles. A escola, para eles, significou mais que um espaço de instrução, foi ali que eles aprenderam a ser disciplinados, a agir com civilidade e a respeitar o espaço do qual vivem e as pessoas das quais eles convivem. Sim, vivem e convivem, no presente do verbo, pois esses valores ainda se fazem presentes em suas vidas.

Tais descobertas não seriam possíveis se não fosse a história oral e a memória, pois foi através desses dois artifícios que mergulhamos nas lembranças de juventude dos entrevistados e assim conhecemos a importância e as representações que o uniforme escolar teve no período de 1940 ao final 1970.

Alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais. Assim, Pierre Janet ‘considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo’. Aqui intervém a linguagem, ela própria produto da sociedade. Deste modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima “linguagens e memórias”; “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (LE GOFF, 1990, p. 424).

No total foram entrevistados três ex-alunos liceístas, apelido carinhosamente dado àqueles que estudaram no colégio Liceu do Ceará. E três ex-alunas normalistas, que

estudaram na Escola Normal do Ceará. Todos foram estudantes no período estabelecido a cima.

### **5.1 Breve Histórico da Escola Liceu do Ceará**

Pesquisar sobre a história do Colégio Liceu do Ceará foi mergulhar na memória de muitos cearenses. Ler e ouvir cada história, de como foi a construção da formação profissional e de caráter dos alunos liceístas, mostrou a importância que essa instituição escolar teve para a capital cearense.

Esta pesquisa demonstra a importância da escola na vida de cada cidadão, pois através dela aprendemos o que seria correto a se fazer em diversas situações do cotidiano e, principalmente, aprendemos a perceber o quanto podemos ser os agentes da nossa própria história e de como podemos mudar nosso futuro através de escolhas simples do dia a dia. Como foi observado nas entrevistas, um dos principais legados deixados pelo colégio Liceu para o seus alunos foi formar cidadãos que respeitam o próximo, agem com responsabilidade e cuidam do ambiente em que vivem.

De acordo com o livro *O Liceu do Ceará em Cem Anos*, do autor Hugo Vitor, a escola é a quarta mais antiga do país, fundada no ano de 1844. Neste livro constamos nomes de todos os professores, corpo administrativo e alunos que frequentaram o Liceu até o final da década de 1930.

O Liceu, hoje Colégio Estadual do Ceará é, no gênero, o 4º estabelecimento de ensino mais antigo do Brasil, datando os primeiros passos para a sua criação de 1843, quando, sob nr.12, a Assembleia Legislativa provincial votou projeto que o instituía. (VITOR, 1945, p.7).

Isso significa que no ano de 2016, a escola completa 172 anos de existência. Provavelmente, se não foi a primeira, foi uma das primeiras escolas do Estado do Ceará. A escola foi fundada pelo Marechal Dr. José Maria da Silva Bitencourt, que era “engenheiro militar e foi o 13º presidente do Ceará e Comandante das Armas. Governou a província de 2 de abril de 1843 a 4 de dezembro de 1844” (VITOR, 1945, p. 9). O primeiro diretor da escola foi o padre Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

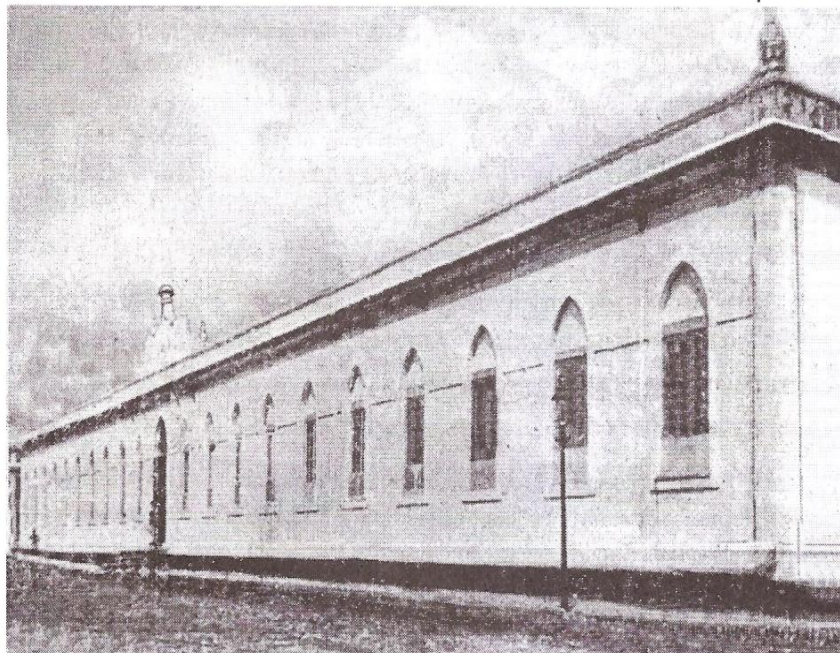


Padre Dr, Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Organizador e 1º Diretor do Liceu. Senador do Império, escolhido em 1864 e falecido em Fortaleza a dois de setembro de 1877. Bacharel em Direito pela Academia de Olinda. Autor de importantes compêndios e trabalhos científicos e estatísticos. Jornalista e orador notável. Foi uma das maiores celebrações do Ceará e do Brasil. Natural de S. Quitéria. (VITOR, 1945, p.39).

O primeiro prédio próprio da escola foi inaugurado do ano de 1894, no centro da cidade de Fortaleza, e permaneceu lá até o ano de 1937, se mudando para o seu atual endereço localizado na Rua Liberato Barroso, s/n, no bairro da Jacarecanga. Mas antes de se fixar neste local a escola passou por diversos prédios públicos e particulares.

Até 1894 andou o Liceu por diversos prédios públicos ou particulares, inclusive a Santa Casa e o antigo Quartel da Força Policial... Só no governo do coronel José Freire Bezerril Fontenele, teve prédio próprio, inaugurado solenemente a 15 de março, na Praça dos Voluntários, de onde de passou em 1937 para novo edifício, mandado construir na praça Fernandes Vieira, pelo interventor coronel Felipe Moreira Lima, e concluído no governo constitucional do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, tendo a verba respectiva sido concedida pelo antecessor de Moreira Lima, Interventor Roberto Carneiro de Mendonça. (VITOR, 1945, p.39).

**Figura 24 – O Liceu passou pela Santa Casa.**



*O Liceu passou pela Santa Casa*

Fonte: Arquivo Nirez (NOGUEIRA, 2005, p.68).<sup>24</sup>

<sup>24</sup> NOGUEIRA, Ana Maria Nogueira (Org.). **O Liceu do meu tempo: 160 anos de História.** Fortaleza: Premium, 2005.

**Figura 25- Praça dos Voluntários.**



*Praça dos Voluntários - Hoje prédio da Superintendência da Polícia Civil*

Fonte: Arquivo Nirez (NOGUEIRA, 2005, p.70).<sup>25</sup>

**Figura 26- Praça Gustavo Barroso.**



*Praça Gustavo Barroso - Prédio antes da ampliação*

Fonte: Arquivo Nirez (NOGUEIRA, 2005, p.70).<sup>26</sup>

Por mais de um século o Liceu foi uma das escolas mais tradicionais de Fortaleza. Vários cearenses ilustres estudaram no Liceu, como por exemplo, Raimundo Girão, historiador e jornalista; Rodolfo Teófilo, médico sanitarista e escritor; Cesár Cals, político ex-

<sup>25</sup> NOGUEIRA, Ana Maria Nogueira (Org.). **O Liceu do meu tempo: 160 anos de História.** Fortaleza: Premium, 2005.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 70.



governador; Clovis Beviláqua, jurista e professor; Gustavo Barroso, poeta e escritor; Barão de Studart, historiador, entre outros.

No ano de 2004, a cidade do Fortaleza e os cearenses foram agraciados pela publicação de dois livros que contam, através da memória de ex-alunos, a história do colégio. Histórias que tem algo em comum: A honra de usar o fardamento caqui e de fazer parte da instituição que foi referência na qualidade de ensino do nosso estado.

Para conseguir ingressar no colégio Liceu, os jovens, aspirantes a se tornarem alunos liceístas, necessitavam passar por rigoroso teste de admissão, porém este teste era democrático, pois era comum encontrar estudantes liceístas de várias classes sociais como conta Lúcio Alcântara no seu depoimento no livro *o Liceu do meu tempo 160 anos de História*.

Estudar no Liceu me proporcionou a oportunidade única de conviver com pessoas de diferentes classes sociais, o que não aconteceria numa escola particular. A seleção de alunos era rigorosa, mas democrática. No Liceu havia muitos estudantes vindos do interior, com poucos recursos, mas com muita vontade de vencer. Alunos que residiam com parentes ou na Casa do Estudante e que concluíam o curso com enorme sacrifício. Muitos trabalhavam, eram balconistas de lojas, empregados de escritórios, do exército, da aeronáutica. Outros, como eu, eram o que se conhece como estudantes profissionais, aqueles que viviam para estudar. Nesse ponto, fui privilegiado. Mas tanto eu como os outros temos um ponto a nos unir: o orgulho com que usávamos a tradicional farda cáqui do Liceu e as lembranças que guardaremos dessa instituição exemplar de ensino, fonte de inspiração para aqueles que buscam uma educação de qualidade para todos os cearenses. (NOGUEIRA, 2005, p.16).

Pode-se notar, em todas as entrevistas feitas para este trabalho e através da leitura dos livros sobre o Liceu, que estar trajado com o fardamento do colégio era motivo de orgulho para os alunos. Eles se sentiam honrados por conseguir ingressar na escola e por fazer parte da história do Liceu.

### *5.1.1 Uniforme do Liceu do Ceará*

Na década de 1940 o colégio Liceu já estava localizado no bairro da Jacarecanga, onde reside ainda nos dias de hoje. O livro *Liceu do Ceará em Cem anos* mostra que muitos professores que faziam parte do corpo docente da escola eram militares ou padres. Nota-se que a escola seguia uma filosofia educacional rígida baseado numa disciplina de inspiração militar.

Observa-se que o uniforme masculino, a partir do período estabelecido para ser estudado para esta pesquisa, seguiu também inspiração militar. Ele era composto por calça de tecido chamado caqui-floriano com duas listas azul-marinho verticais nas laterais, túnica também em tecido cáqui-floriano de mangas compridas com punhos na cor azul-marinho, sapatos pretos de couro da marca Vulcabras, nome pelo qual ficou conhecido. Por fim, como complemento, um bibico na cabeça, espécie de chapéu, do mesmo tecido da farda, usado até o início da década de 1960, “usado até os primeiros anos da década como os soldados do Exército de outrora. Depois ele passou a fazer parte apenas da fotografia da carteira de estudante até o final da década” (NOGUEIRA, 2005, p.183).

No relato de Blanchard Girão ao livro, o Liceu do meu tempo (2005), observa-se a clareza na descrição do fardamento da época.

Em 1941, o mundo estava em guerra. E o Brasil vivia sob a ditadura de Vargas, denominada de Estado Novo, mais ou menos modelada pelo figurino da Itália de Benedito Mussolini. Foi naquele ano, 64 já decorridos- que cheguei ao Liceu do Ceará, aprovado no rigoroso teste de admissão a que se submetiam milhares de estudantes. O menino tímido, e compleição física insignificante, vestiu orgulhosamente a farda do tradicional estabelecimento, inclusive com direito a um quepe no melhor estilo militar. Com o uniforme cáqui, túnica de mangas compridas e fechada com sete botões negros, punhos em azul marinho e calça com duas listras também azuis em vertical, o liceísta de então sentia-se figura importante no contexto da sociedade. Ser do Liceu valia crédito ao aluno pela credibilidade dos mestres, e a consequente qualidade do ensino. (NOGUEIRA, 2005, p.17).

O perfil do aluno, que conseguia ingressar no Liceu, era de estudioso e de esforçado. Muitos deles eram pobres, mas mostravam que através dos estudos poderiam se tornar bons profissionais e construir a carreira que desejassem, fosse de militar, jornalista, médico ou qualquer outra profissão. Em outro relato de Girão podemos observar quem foram os alunos liceístas.

Ali, naquele casarão de Jacarecanga, aprendi a sentir mais de perto a pulsação dos verdadeiros sentimentos do povo. O Liceu possuía um alunado de díspares origens, mas na sua maioria vindo de camadas mais modestas da população. Meninos de fardinhas mal confeccionadas, certamente na velha Singer da mãe costureira, algumas apresentando ostensivos remendos; as botinas envelhecidas a pedirem solado novo e graxa preta; meninos de cadernos avetes encapados para melhor conservação e de livros comprados em sebos. E esses garotos se revelavam comumente os mais compenetrados, os que mais se distinguiam, os que melhor se comportavam. O Povo- aprendi ali- era aquilo, generoso e bom, capaz de sobreviver a qualquer dificuldade. Ali também, sob o teto liceal, comecei a dialogar, a contestar ideias, a receber o pensamento alheio com respeito, a entender que a vida é uma fantástica sala de aula para um permanente aprendizado. O Liceu me fez um

democrata, um antifascista, um amante da paz, um guerreiro contra as guerras. Tempos de muito sangue derramado, e muitas vidas sacrificadas, de muito heroísmo e muita tristeza. O menino de 1941 chegava à redação de um jornal em 1944, com somente 14 anos, para outra etapa da sua caminhada, guardando, intactos, os ensinamentos hauridos naqueles anos de aluno do velho Liceu do Ceará. E a criança que entrara em seus portões, de lá sairia um homem para encarar os embates da vida. (NOGUEIRA, 2005, p.17).

Foi no ano de 1947 que o governador estadual, o Desembargador Faustino de Albuquerque, decidiu que apenas os homens poderiam frequentar o Liceu, houve confusão, mas estava decidido, em consequência disto, várias garotas passaram a estudar na Escola Normal Justiniano de Serpa. As imagens a seguir mostram como era o fardamento masculino do Liceu na década de 1940.

**Figura 27 - Uniforme Liceu - Década de 1940.**



Fonte: NOGUEIRA, 2005, p.63.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> NOGUEIRA, Ana Maria Nogueira (Org.). **O Liceu do meu tempo: 160 anos de História.** Fortaleza: Premius, 2005.

**Figura 28 - Garoto usando Bibico na cabeça- 1949.**



Fonte: CAVALCANTE, 2007, p.84.<sup>28</sup>

Na década de 1950 o Liceu funcionava nos três turnos, mas somente durante o dia que era obrigatório o uso do uniforme escolar, que por sinal precisava estar impecável. Durante a maior parte desta década o Professor Boanerges Cisne de Farias Sabóia foi o Diretor do Liceu do Ceará, “em cujo mandato que se estendeu por 11 longos anos, de 1951 a 1962” (NOGUEIRA, 2005, p. 208).

**Figura 29 - Uniforme Liceu- 1953.**



Fonte: CAVALCANTE, 2007, p.188.<sup>29</sup>

Nesse período o Liceu aceitou novamente a matrícula de garotas que, no entanto, durante o início do século, estudavam no prédio da Escola Normal.

<sup>28</sup> CAVALCANTE, Auriberto. **O Liceu do meu tempo**: volume II. Fortaleza: Premius, 2007.

<sup>29</sup> CAVALCANTE, Auriberto. **O Liceu do meu tempo**: volume II. Fortaleza: Premius, 2007.

Quando ingressei no Liceu, em 1947, mulheres não podiam mais frequentá-los. Alguns anos antes, recordo-me, ambos os sexos sentavam-se em bancos escolares, conjuntamente, sem o menor problema. Mas em 1950, ressurgiu o Liceu Feminino. Não no meu prédio. Colocaram as nossas colegas no prédio da antiga Escola Normal, hoje Colégio Justiniano de Serpa. Não perdíamos oportunidades de lá comparecer. Qualquer campanha do CLEC ou quando preparávamos a festa de conclusão do curso científico, procurávamos nossas colegas. E eu com especialidade, porquanto era sua aluna Salete Prado Brito Bastos, que depois passou a ser minha esposa. (CAVALCANTE, 2007, p.167).

No colégio Liceu, no final da década de 1950 e início da década de 1960, funcionavam turmas nos três turnos, durante manhã e noite as aulas eram destinadas a alunos homens e durante o turno da tarde as aulas eram destinadas para as aulas mulheres. Um detalhe importante foi mencionado em uma das entrevistas: durante os turnos que só estudavam homens, as aulas eram ministradas por professores do sexo masculino. O entrevistado não soube opinar se durante o turno da tarde, horário frequentado apenas por alunas mulheres, se o corpo docente era composto por alguma professora mulher.

Outro relato que nos chamou atenção foi o da aluna Verônica Beviláqua Mendes no livro *Liceu do meu tempo volume II* (2007), ela conta que no Liceu, no período que ela estudou na década de 1950, havia serviço médico e de dentista dentro da escola para atender os alunos.

Um aspecto importante, na minha época no colégio e ia além do cronograma escolar específico de cada matéria, era a presença diária de um médico e um dentista por turno. Com as visitas das turmas agendadas por período àqueles consultórios, nossa saúde também era avaliada e tratada, se fosse necessário. Assim, os governos passados cuidavam bem das suas crianças e dos seus jovens. Quanta diferença! Hoje, mal temos os professores da rede pública lutando para dar as suas aulas, sem recursos didáticos e recebendo baixos salários. (CAVALCANTE, 2007, p.233).

Na década de 1960 o bibeiro já não era praticamente usado e o fardamento passou também por outras mudanças de acordo com a citação abaixo:

Em 1961, a túnica deu lugar a uma camisa de popeline sanforizada cáqui, mantendo os mesmos detalhes, usadas de maneira passada. Já em 1962, esta deixou de ser passada e incluiu cós, mangas três quartos. A feminina constatava de saís de tecido tergal azul-marinho, plissada, com duas listas largas horizontais de popeline sanforizada cáqui e blusa de tricoline com distintivo no ombro, como no caso masculino, sapato preto, meia branca. (NOGUEIRA, 2005, p.183).

Na década de 1960 o fardamento do Liceu foi modificado. De acordo com dois entrevistados que estudaram até meados desta década contam que seu fardamento era composto por: camisa de botão com dois bolsos frontais, de tecido sintético chamado

popeline, de mangas compridas na cor cáqui com punhos na cor azul marinho e cós na barra; calça de tecido cáqui-floriano na cor cáqui com duas listas em cada lateral da peça; para finalizar os sapatos eram pretos de uma marca chamada de Vulcabrás. Nesse tempo o emblema da escola era bordado no bolso da camisa. Com relação ao fardamento masculino da educação física os alunos trajavam um calção preto com uma camiseta branca.

Nessa década não existia fardamento de gala para ser usado em eventos especiais. Os entrevistados relatam que no dia do tradicional desfile do sete de setembro os alunos precisavam estar vestidos com a farda e estar usando o bibico na cabeça. O uniforme precisava estar impecável em datas festivas.

Na segunda metade da década de 1960 ocorreu um caso fatídico que mobilizou vários estudantes liceístas. Enquanto a banda do Liceu ensaiava, pelas ruas do Jacarecanga, para o desfile do 7 de setembro um dos alunos foi baleado e acabou vindo a óbito. Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira relembra deste triste fato no livro *O Liceu do meu tempo* (2005):

Ali presenciei marcantes acontecimentos festivos e cívicos. Porém nada superou ao trauma decorrente da tragédia ocorrida com um estudante que integrava o pelotão da Banda Liceal e foi traiçoeiramente e barbaramente assassinado, quando os alunos ensaiavam o desfile em ruas do Jacarecanga. Tudo corria bem, até que de repente um jovem tomba sem vida e ensanguentado... Nos primeiros momentos ninguém entendeu nada, pois o covarde tiro de arma de fogo teve seu estampido abafado pelo som dos instrumentos de percussão. E ficaram as interrogações: Quem praticara tal atrocidade? Qual a razão da barbárie? A polícia de pronto localizou o assassino: um marginal que bebericava em um boteco do Jacarecanga e que, de maneira fria e inescrupulosamente confessou: “Atirei pra ver a queda!” No dia seguinte, com o corpo presente, aconteceu comovente manifestação de pesar em frente à escadaria da entrada principal do Liceu, com lideranças dos corpos docente e discente externando indignação pelo insólito e covarde ato de violência perpetrado contra um estudante, que no seu ardor cívico-juvenil preparava-se para comemorar o 7 de setembro... O caixão, coberto com uma bandeira do Liceu, foi conduzido em carro aberto, pela multidão de alunos, até o Cemitério de São João Batista... (OLIVEIRA apud NOGUEIRA, 2005, p.152).

Em uma das entrevistas esse fato também foi citado. O entrevistado Antonio Erasmo de Castro Silveira, que estudou no Liceu de 1962 a 1965, relatou que o aluno assassinado, que era seu primo de segundo grau, tratava-se de Flávio Lima da Silveira que faleceu em 18.08.1966, um dia antes de completar 18 anos.



**Figura 30 - Manifestação de protesto pela morte de Flávio Lima da Silveira – 1966.**

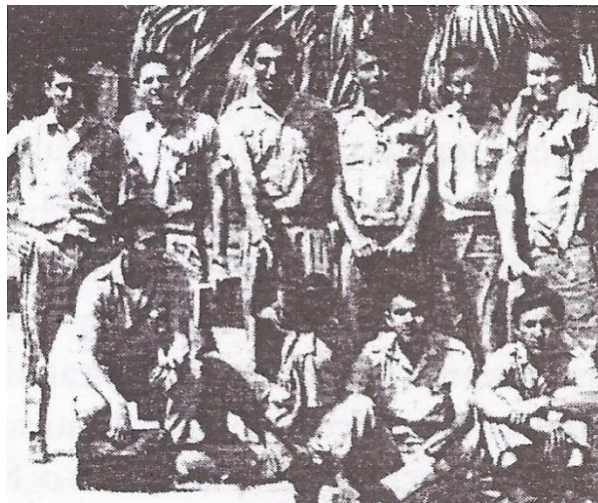


Fonte: NOGUEIRA, 2005, p. 151.<sup>30</sup>

Pode-se observar que a imagem que retrata o triste ocorrido mostra que o fardamento foi modificado em comparação ao usado na década anterior. A camisa muda de tecido, as mangas se tornaram curtas, em consequência disso o detalhe azul marinho do punho foi retirado, a barra da camisa ganha um cós. A calça continuou sendo confeccionada em mesmo tecido de antes e com as mesmas listas azuis nas laterais.

Os três entrevistados relatam que era exigido que o uniforme estivesse sempre impecável. Ferreira disse: “tinha um bedel que fiscalizava o fardamento de todos os alunos, quem estivesse com a farda amassada ou faltando um botão não podia entrar na escola”.

**Figura 31 - Uniforme usado no final dos anos 1960 e início de 1970.**



Fonte: CAVALCANTE, 2007, p.83.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> NOGUEIRA, Ana Maria Nogueira (Org.). **O Liceu do meu tempo: 160 anos de História.** Fortaleza: Premius, 2005.

<sup>31</sup> CAVALCANTE, Auriberto. **O Liceu do meu tempo: volume II.** Fortaleza: Premius, 2007.

Nota-se que no fardamento masculino do Liceu nessa época houve mudanças. A barra da camisa não tinha cós, a imagem mostra os alunos vestidos com a blusa por dentro da calça. Nessa imagem podemos observar que existia um crachá pregado no bolso da camisa, que provavelmente, segundo as entrevistas, seria o nome do aluno bordado junto com a série, turma e turno.

A intensa atividade do Movimento Estudantil no final da década de 1960 e início de 1970, se fez presente na vida de vários alunos liceístas que faziam parte do CLEC (Centro Liceal de Educação e Cultura).

A intensa atividade do Movimento Estudantil cearense, no concerne aos estudantes secundaristas, encontrava forte guarida no âmbito do CLEC e, em consequência, a mão opressora do *nouveau régime* fez-se implacável, inaugurando-se um período tenebroso da vida liceal, com ondas de greve e quebra-quebra, levando a sérios conflitos internos, expressos nas pichações: “Fora Caio” e “Abaixo o Caio”, em alusão ao seu então diretor, a macular as paredes exteriores da edificação, e confrontos externos, com a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, este muito mais por sua condição de vizinhança. (NOGUEIRA, 2005, p.168).

Jovens que ingressaram no Liceu no início dos anos 1970 relatam que a escola era mais que um local de aprendizagem, lá eles se tornavam cidadãos sérios e que, em breve, seriam bons profissionais em qualquer área que eles desejassem seguir, e esses resultados seriam por causa do hábito de estudar e da disciplina adquirida dentro do Liceu. “Toda a ação educativa possuía um fio condutor: a construção de um cidadão completo, pleno em princípios, justo, legal, esforçado.” (ALMEIDA FILHO apud CAVALCANTE, 2007, p,78).

Alunos do Liceu dessa década eram ativos politicamente, alguns deles tornaram-se líderes e militantes políticos. Eles eram interessados sobre a política e cultura do Brasil e buscavam fazer história lutando pelos seus direitos, conforme depoimentos.

Longe de ser um espaço triste, taciturno, o Liceu era sinônimo de vivacidade. “Lá a vida acontecia”. Nos corredores do Liceu, nos diálogos constantes com mestres e colegas minha consciência crítica foi despertada. Sentia-me questionado sobre determinadas posições políticas. Percebia de forma branda a desigualdade social, econômica. Eu que vim de família burguesa, sentia latente a vontade de buscar caminhos mais progressistas. Como faz falta nas escolas de hoje essa busca pela consciência política. A juventude atual parece alheia ao destino Político do Brasil. No Liceu do meu tempo o debate era constante. Ninguém me eximia de dar opinião, de se envolver, de perguntar... O próprio tempo da ditadura gerava essas inquietações nos jovens. Queríamos gerar história. Não queríamos apenas assistir os acontecimentos. (ALMEIDA FILHO apud CAVALCANTE, 2007, p.77).



Até meados da década de 1970, era comum, alunos do Liceu ingressarem com facilidade nos mais concorridos cursos da Universidade Federal do Ceará, mas já no final desta década, com o declínio do ensino da Escola, os jovens de classe média procuravam escolas particulares na cidade, a fim de conseguir sucesso nos exames do vestibular. A partir deste período o colégio começa a perder seu *status* de escola pública referência em qualidade de ensino, como relata Silva no livro *Liceu do meu tempo* (2005).

A sua clientela começa sendo gradualmente pauperizada, com evasão de potenciais alunos de classe média, atraídos por escolas particulares, que avançavam no vácuo deixado pelo ensino público, que tinha sua qualidade minada, mercê da política aplicada no setor de Educação brasileiro. (SILVA apud NOGUEIRA, 2005, p.169).

O fardamento masculino do Liceu do Ceará foi mudando no decorrer das décadas de 1940 até 1970. As maiores mudanças são com relação à camisa, pois a calça permaneceu quase a mesma durante este período. A parte de cima, além de mudar o *design*, sofreu mudanças de tecido e isso pode ter ocorrido tanto pelo clima da cidade quanto pela ampliação do uso de tecidos sintéticos por parte das confecções no Brasil a partir da década de 1960.

## 5.2 Breve Histórico da Escola Normal do Ceará

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, a principal preocupação do governo, com relação à educação, passou a ser a formação das elites dirigentes do país. Piletti (2013) afirma que, ao invés de procurar organizar um sistema educacional de ensino, integrado em todos os seus graus e modalidades, as autoridades priorizaram a criação de algumas escolas de ensino superior e a regulamentação de vias de acesso a elas.

A criação da primeira Escola Normal no país ocorre somente em 1835, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, mas somente em 1875 “na capital do Império, foram instituídas duas escolas normais, uma para cada sexo, transformadas em escola única em 1880, quando se iniciou realmente o desenvolvimento das escolas normais no Brasil” (PILETTI, 2013, p.103).

No Ceará, a intenção de construir uma escola que formasse professores nasceu no governo de José Martiniano Pereira de Alencar, no ano de 1837. O presidente da província

percebeu que precisava formar professores de Primeiras Letras. Conforme a referida pretensão, uma vez funcionando a dita Escola Normal, os docentes seriam orientados a se matricular naquele estabelecimento para um curso de formação, de acordo com a matéria que lecionavam. Porém a efetiva criação da Escola Normal do Ceará ocorreu cerca de cinquenta anos depois, no ano de 1884, no governo do Dr. Sátiro de Oliveira Dias. A principal função da Escola era formar moças para ingressar no magistério do ensino primário, ou seja, formar professoras. A Escola foi entregue ao Sr. José de Barcellos, que tinha sido preparado há tempos para assumir o cargo e que já tinha orientado o preparo de professores primários no Ceará.

Fundada em princípios filosóficos e educacionais, defendidos por intelectuais da época, como Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho, os professores José de Barcellos e Amaro Cavalcanti, dentre outros, a Escola Normal do Ceará concretiza, oficialmente, ao final do século XIX os anseios de igualdade, mesmo que fosse de uma 'igualdade formal', presentes na ideia de criação de uma escola pública de formação de professores. (SILVA, 2008, p. 2).

A Escola Normal do Ceará passa por dificuldades para construir um sistema eficaz que preparasse os professores. Desde sua criação até o início do século XX a organização curricular do curso passa por modificações, os alunos precisavam aprender sobre língua nacional, matemática, geografia, história, pedagogia e ginástica. Em 1918 outras disciplinas como inglês, datilografia, estenografia, ginástica sueca foram incorporadas à grade, mas a experiência não deu certo (SOUSA, 1961).

No governo de Justiniano de Serpa, no início da década de 1920, o pedagogo e professor Lourenço Filho foi chamado para organizar o ensino na província. Como afirma Sousa, a orientação representada por essa Reforma, feita por Lourenço Filho, constitui o mais representativo dos caminhos do Ensino Normal no Ceará. Lourenço Filho foi um representante da Escola Nova, valorizava o ensino experimental, a participação dos alunos, combatia a memorização e os dogmatismos arcaicos.

A prática educativa voltou-se para o sujeito humano novo (homem-indivíduo e homem-massa ao mesmo tempo), impôs novos protagonistas (a criança, a mulher, o deficiente), renovou as instituições formativas (desde a família até a escola, a fábrica etc.) dando vida a um processo de socialização dessas práticas (envolvendo o poder público sobretudo) e de articulação/sofisticação. (CAMBI, 1999, p.512).

Com a Revolução de 1930 nasce uma nova fase no âmbito educacional do Ceará. As práticas trazidas por Lourenço Filho deram uma esmorecida, crescendo então os debates

dentro das escolas sobre a problemática da pedagogia. Foi nesse período que foi fundada uma Sociedade de Estudos Pedagógicos, e assim revitalizou-se o Ensino Normal. A maior novidade dessa revitalização foi a ruralização da escola. “Trata-se de fundar uma instituição, para fornecer ensino simples e prático à gente rural” (SOUSA, 1961, p.168). A Escola Rural além de instituição didática foi centro de ação educativa no sentido pedagógico, amplo e orgânico.

Nas décadas de 1940 e 1950 não houve significativas mudanças no âmbito educacional cearense. Apenas as reformas políticas do país trouxeram a revitalização do Conselho Nacional de Educação, mas nada foi feito com relação aos Conselhos Municipais. Nos Anos de 1960 o Estado contava com dois tipos de Escolas Normais, como afirma Sousa (1961, p. 170):

O curso Normal comum, representado pelo ‘Instituto de Educação Justiniano de Serpa’, com três séries anuais, posteriores ao Ginásio ou a cursos equivalentes a este, e 33 Escolas Normais particulares, sob regime de reconhecimento, sendo 16, na Capital e 17, no Interior; e o de Ensino Normal Rural de Juazeiro do Norte, pioneira no gênero, no Brasil.

Nos anos 1980 uma nova LDB determina que todos os professores da educação básica tenham diploma superior obtidos nos Institutos Superiores de Educação. O trabalho das normalistas, em menos de 150 anos, ajudou a baixar o índice de analfabetismo no Brasil de 65,3% em 1900 a 11,1% em 2007. Esses dados foram retirados do vídeo sobre a História da Escola Normal da TV UNIVESP.

A Escola Normal do Ceará teve de passar por algumas mudanças de endereço. Ocupou importantes prédios históricos da cidade de Fortaleza, como por exemplo, o atual prédio do IPHAN, no centro, o prédio da Escola Fênix Caixeiral e a sede do atual colégio Justiniano de Serpa, inaugurada em 1923, local sede da Escola Normal até 1958.

**Figura 32 - Prédio que abrigou a Escola Normal no século XX.**



Fonte: site Fortaleza em fotos.<sup>32</sup>

**Figura 33 - Atual Escola Estadual Justiniano de Serpa** (localizada na Avenida Santos Dumont, nº56).



Fonte: site Fortaleza em fotos.<sup>33</sup>

Posterior a esse período a Escola Normal foi transferida para o Bairro de Fátima em Fortaleza, para a Rua Graciliano Ramos, nº52, como afirma Araújo (2010).

Em 1958, o Curso Normal, a Escola-Modelo (ou de Aplicação)<sup>20</sup> e o Jardim da Infância foram transferidos para o prédio do Bairro de Fátima sob a denominação de Instituto de Educação Justiniano de Serpa- Centro Educacional (1958-1960); depois para o Centro Educacional do Ceará (1961-1966), Lei nº 5.427- de 27 de julho de 1961, e, novamente, para a denominação de Instituto de Educação do Ceará, nome que prevalece até hoje, Lei nº 8.559- 19 de agosto de 1966 (ARAÚJO, 2010, p. 33).

<sup>32</sup> Disponível em:< <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2015/10/a-praca-figueira-de-melo-e-o-conjunto.html>>  
Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>33</sup> Ibid.

Pós 1958, as alunas normalistas que faziam o Ginásial, que equivale na atualidade do 6º ao 9ª escolar, no prédio da Escola Normal Justiniano de Serpa, localizado no centro da Cidade de Fortaleza, e que desejasse seguir o curso normal e se tornarem professora de primeiras letras, elas precisariam se deslocar para o prédio do Instituto de Educação do Ceará, localizado no Bairro de Fátima. As garotas, mesmo cursando o ginásial na Escola Normal Justiniano de Serpa, que optassem por cursar o científico continuavam estudando no mesmo prédio. Naquela época quem cursava o científico tinha intenção de ingressar em algum curso da Universidade.

Para se tornar normalistas as garotas precisavam ser estudiosas, disciplinadas e bem-comportadas. Todos os anos de dedicação aos estudos seriam acompanhados por mudanças, tanto com relação aos espaços por elas frequentados quanto, também, com relação ao fardamento.

### 5.2.1 *Uniforme da Escola Normal*

Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas três ex-alunas da Escola Normal. A primeira foi a Dona Zeneida que estudou do final da década de 1940 e início da década de 1950. A segunda foi a Dona Masé que estudou no final da década de 1960 e a terceira foi a Dona Marilena que estudou no início da década de 1970. Dessa forma pudemos analisar como foi desenvolvido o uniforme da escola e distinguir se houveram alterações nele no decorrer das décadas citadas anteriormente. As entrevistas foram realizadas na cidade de Fortaleza.

Em todas as entrevistas foi relatado o quanto o uniforme das normalistas era reconhecido por toda a sociedade da época. Encontramos também esse mesmo relato na tese de doutorado de Araújo (2014), a autora afirma, de acordo com as entrevistas realizadas por ela, que o fardamento das normalistas era conhecido por muitas pessoas, da cidade de Fortaleza, durante o período que a escola funcionou.

Todo mundo só entrava fardado. Era saia vinho abaixo do joelho e a blusinha de nós, branca de manguinha e gravata vinho; sapato preto e meias brancas e no cabelo era a vontade, pintura; podia pintar. Todo mundo conhecia a farda das normalistas. Se não fosse de farda voltava a não ser que justificasse, mas era muito exigente. (ARAÚJO, 2014, p. 59).

No relato da aluna percebe-se a importância que o uniforme tinha tanto para os alunos e instituição, como também para a sociedade, pois as pessoas da época sabiam que a moça que estivesse vestida de tal forma fazia parte do grupo das normalistas, e que elas almejavam se tornar professoras.

Dona Zeneida, a primeira entrevistada, estudou na Escola Normal de 1947 a 1953. Ela relatou a angústia que sofreu ao fazer o exame de admissão para entrar no ginásio e o quanto as garotas precisavam se dedicar aos estudos para terem boas notas nas avaliações escolares durante todo o ano. “Na Escola Normal só passava quem sabia mesmo” (entrevista com Zeneida, 2016).

Com relação ao uniforme da época a entrevistada conta que as alunas usavam uma saia plissada que cobria o joelho na cor bordô, a camisa era de cambraia de linho, com cós na barra, abotoamento frontal, com mangas compridas e com a gola estilo marinheiro. Além disso, as garotas também usavam uma gravata borboleta do mesmo tecido e cor da saia; luvas brancas e para finalizar os sapatos e as meias eram pretas.

**Figura 34 - Fardamento Escola Normal do Ceará.**



OBS: final da década de 1940 e início da década de 1950. A seta riscada de caneta na foto é para indicar que aquela era Dona Zeneida na sua época de normalista. Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada Zeneida.

Em um dos trechos da entrevista com Dona Zeneida, na aplicação da pesquisa, ela afirmava: “com aquele uniforme a gente tinha que andar na linha. E bem arrumada, do pé a cabeça. O sapato era preto, a meia era preta. A saia era bordô, de pregas um pouco abaixo dos

joelhos. E a blusa de cambraia de linho, muito chic, toda feita com ponto ajour, de mangas compridas e a gravata feita com o mesmo tecido da saia em formato de laço borboleta. Ai você ficava toda linda. A escola não admitia que você andasse na rua com brincadeira ou fazendo “*zuada*”.

Você era aluna da Escola Normal e precisava andar na linha. Havia cuidado com a lavagem e com relação conservação do fardamento. A entrevistada relatou sobre o hábito de pôr a saia em baixo do colchão para não desmanchar as pregas.

O uniforme da educação física era composto por um calção azul com elástico na perna, que ficava fofo, blusa sem manga branca e sapato branco. Como no colégio Liceu a Escola Normal também não possuía fardamento de gala, apenas uma farda de apresentação, pois para elas o fardamento diário que era uma farda de gala, como afirma Dona Zeneida (2016), “O nosso fardamento de uso diário já era de gala”.

A imagem a seguir mostra o macaquinho, que era o uniforme de apresentação, que as normalistas usavam em dias de evento.

**Figura 35 – Roupas para dia de evento.**



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada Zeneida.



A escola Normal era frequentada exclusivamente por meninas e o seu fardamento remetia a alguns significados. A saia poderia representar o lado feminino, o comprimento no joelho demonstrava que a escola era um ambiente formal, até porque na época o uso de saias curtas era incomum em ambientes como escolas, escritórios e instituições. A blusa branca poderia representar a higiene, pois a escola ensina ao aluno que a higiene é um fator importante para a saúde e educação. E a gravata, peça comum do vestuário masculino, poderia representar autoridade e seriedade.

**Figura 36 - Imagem das normalistas no ano de 1958 ou 1959.**



Acervo Sônia Lúcia Machado Braga.  
Fonte: Site Fortaleza Nobre.<sup>34</sup>

Percebe-se pela imagem a cima que o fardamento sofreu algumas modificações, as mangas da camisa, antes compridas, agora se apresentam curtas e a gola da camisa, que já não apresentava o estilo marinheiro, se mostra, nesse período, como uma gola tradicional de camisaria.

A segunda entrevistada foi Dona Marilena que estudou na Escola Normal Justiniano de Serpa de 1963 a 1966 e no Instituto de Educação de 1967 a 1969, nessa época localizado no Bairro de Fátima. Dona Marilena pode nos relatar como eram os fardamentos tanto no período ginásial como no período do normal. No período ginásial a saia era na cor vinho, de pregas com duas listas brancas na barra, e a altura da saia vinha um pouco abaixo do joelho; a

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.



blusa era branca com o emblema da escola bordado no bolso. Já na época do Normal, que as garotas já estudavam no Instituto de Educação, a saia era vinho também de pregas, mas sem as listas brancas, a blusa era branca feita de popeline, sapato na cor preto e meia na cor branca.

Dona Marilene relata “o uniforme na época era uma saia vinho de pregas, uma blusa branca com o bordadinho da escola no bolso, sapato preto e meia preta. Eu colocava minha farda debaixo do colchão para não desmanchar as pregas, tinha muito cuidado com a minha farda. O tecido da saia era chamado nycron, era um tecido que dava uma firmeza, que as pregas ficavam no lugar, era um tecido sintético”.

Marilena nos contou que o fardamento da educação física era todo branco, “O fardamento da educação física era composto por short branco, feito de um tecido chamado fustão, por cima do short se usava uma saia de pregas branca, a blusa branca, o sapato era um tênis de lona, que era chamado de fanabor, na cor branca também”. Em comparação com os uniformes de educação física, ou até mesmo às roupas usadas para as práticas esportivas, usados na atualidade, percebemos que as cores escuras são as mais utilizadas, pois a roupa branca suja com maior facilidade durante estas atividades. Então surge o questionamento sobre a escolha do branco usado no fardamento daquela época. Será que seria mais uma forma de disciplinar as normalistas? De acordo com os relatos da Dona Zeneida, a entrevistada que estudou na Escola Normal na década de 1950, o short da educação física era na cor azul e não branco. Será que assim podemos concluir que mesmo durante a prática da educação física as normalistas precisavam manter uma postura mais disciplinada possível ou até mesmo contida? Não sabemos ao certo.

Marilena também compartilhou conosco duas relíquias da sua época de normalista. A primeira delas foi o seu diploma de conclusão do curso Normal, que continha matérias como didática, psicologia, anatomia, estatística, entre outras e pode ser visto nas imagens a seguir.

Figura 37- Diploma de Normalista da década de 1960- frente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
Secretaria de Apoio Administrativo  
Delegacia Regional de Ensino de Fortaleza  
(Criação do Ensino Secundário de 1960)

Diploma registrado sob o nº 1452  
Livro 04 Folha 193  
Processo nº 1455/24  
Em 20 de março de 1969  
Estado de Ceará  
Instituto de Educação do Ceará

ESTADO DO CEARÁ  
Instituto de Educação do Ceará  
(Autorizada pela Lei nº 1790 de 28-12-1878 publicado no D. O. 1/1/69)

ENTIDADE MANTENEDORA Governo do Estado do Ceará  
O Diretor da Escola Normal do Instituto de Educação do Ceará  
em nome da Congregação e tendo em vista a aprovação no CURSO NORMAL COLEGIAL, confere o

**DIPLOMA DE PROFESSOR PRIMÁRIO**

a Antônia Marilena Bezerra Pinheiro  
filha de Gustavo Moreira Pinheiro  
e Rosa Maria Bezerra Pinheiro, natural de Cachoeira, Estado Ceará  
nascida em 8 de maio de 1950, a qual poderá exercer o magistério na conformidade da legislação em vigor.

Fortaleza, 12 de dezembro de 1969  
Antônia Marilena Bezerra Pinheiro, DIPLOMADA  
Maria da Graça Noronha Lima, SECRETARIA DA ESCOLA NORMAL

Fonte: Acervo pessoal Marilena.

Figura 38- Diploma de Normalista da década de 1960- verso.

DISCIPLINAS	MÉDIAS FINAIS		
	1.º 1967	2.º 1968	3.º 1969
Português	15,5	23,0	
Matemática	16,0		
Geografia	15,0	15,5	16,5
História	15,0		
Introdução da Arte	17,0		
Introdução Fis. Humana	16,0		
Biologia		16,0	
Biologia Educacional		19,0	
Sociologia Educacional		16,0	
Administração Escolar		17,0	
Psicologia		16,5	
Metodologia da Linguagem			18,0
Metodologia da Língua			16,0
Metodologia da Língua Portuguesa			19,0
Metodologia (Part. Sociais)			16,0
História Fil. Educação			15,5
MÉDIA FINAL	7,8	8,7	8,3
MÉDIA GLOBAL			8,2

Registrado às fls. 484 do livro 314  
Secretaria da Escola Normal do Instituto de Educação do Ceará  
Em 12 de dezembro de 1969  
Maria da Graça Noronha Lima, Secretária

Registrado sob n.º 190 às fls. 190 do livro n.º 118  
Secretaria de Educação do Estado do Ceará  
Em 10 de março de 1969  
Maria da Graça Noronha Lima, Secretária

AGÊNCIA CENTRAL DE FUNDADA  
FORTALEZA - CEARÁ  
FUNDAÇÃO FIC. PREST. SERV. PÚBLICO  
Rua da República, 50 e autônoma  
situada no terreno na 1ª Vila sob N.º 108  
de 1964. M. S. A.  
VICENTE JONES DE OLIVEIRA  
Diretor do Ensino Secundário

DIVISÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO  
- DIES -  
INSPETOR  
Conferidas as notas finais deste documento, declaramos sua autenticidade.  
Fortaleza, 13 de 03/1974  
Mário José de Oliveira

CERTIFICADO  
Maria Odair Barreto de Jesus  
de 28 de 03/69  
Mário José de Oliveira  
Em 12 de 03/69  
Vicente Jones de Oliveira  
Diretor

Fonte: Acervo pessoal Marilena.

A segunda relíquia que Dona Marilena compartilhou foi nos mostrando seu anel de formatura que de um lado da pedra central tem o símbolo do governo do Estado do Ceará e do outro lado o símbolo da Escola Normal.

**Figura 39- Anel de Formatura da Escola Normal do Ceará, 1969.**



OBS: Na imagem do lado esquerdo o emblema do governo do Estado e na imagem do lado direito o emblema da Escola Normal. (Fonte: Acervo pessoal Marilena).

Na época em que a dona Marilena estudou na Escola Normal o Brasil estava vivendo a Ditadura Militar. Ela nos contou que as alunas normalistas eram aconselhadas, tanto pela escola quanto pelos pais, a não se envolverem nas questões políticas da época. Ela reproduz: “naquela época tinha muitas passeatas, mas as normalistas não participavam muito, os alunos do Liceu eram mais revolucionários, eles eram mais ativos com relação a isso. Tanto que na escola avisavam pra gente não se envolver com os quebra-quebras da época”.

**Figura 40- Fotografia de 1967, nas Escadarias do Colégio Justiniano de Serpa.**



OBS: Na primeira fileira a jornalista Adisia Sá de sapatos brancos. Acervo de Maria José Melo Fraga. (Fonte: Site Fortaleza Nobre).<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: < <http://www.fortalezanobre.com.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

Nota-se pela imagem outras mudanças com relação ao uniforme da Escola Normal, a camisa perde o cós na barra e passa a ser usada por dentro da saia; e a saia ganha duas listas brancas, como afirma nossa segunda entrevistada Dona Marilena, que estudou nessa década na Escola Normal.

A terceira entrevistada foi Maria José, a Dona Masé, que estudou na escola Normal de 1970 a 1973. Ela relatou que seu fardamento era saia na cor vinho, pregueada, confeccionada com um tecido chamado tergal e com duas listas brancas na barra; camisa branca de botão, confeccionada com tecido de poliéster, que não amassava, com o emblema da escola bordado no bolso; o sapato era preto e meia branca. Já a farda da educação física era toda branca, short branco com uma minissaia branca por cima, camiseta branca com uma malha parecida com meia, um tênis com cadarço na cor branca chamado fanabor e meias brancas.

**Figura 41- Fardamento do Colégio Justiniano de Serpa em 1978.**



Fonte: Acervo pessoal de Lúcia Araújo.

A Dona Masé nos contou sobre as dificuldades financeiras que ela enfrentou para concluir os estudos na Escola Normal Justiniano de Serpa. A entrevistada relata que precisava ir andando do bairro onde morava, no Parque Araxá, até a escola na Av. Santos Dumont.

O uniforme da Escola Normal do Ceará passou também por mudanças durante as décadas de 1940 até 1970. Da mesma forma que o Colégio Liceu, as maiores mudanças



ocorreram com relação à camisa que de manga longa passou a ser de manga curta e a ser confeccionada com tecido sintético. A saia permaneceu vinho e de pregas a única mudança foi com relação às duas listas usadas na barra dela, isso com relação às saias das meninas usadas no período ginásial, pois no período do normal, mesmo na década de 1960 e 1970, as saias continuaram sem as listas. A cor do uniforme permaneceu a mesma durante os quarenta anos de análise do uniforme.

## 6 REVENDO A HISTORIA DO UNIFORME ESCOLAR

Desde o século XIV a moda vem sendo influenciada e vem influenciando diversas pessoas no decorrer da história da humanidade. Ela gera símbolos e representações, a roupa comunica sem haver, necessariamente, troca de palavras. Podemos perceber, através do vestuário, o gênero do indivíduo, a classe social da qual pertence e a sua profissão, dentre outras inúmeras mensagens.

A utilização de uniformes surgiu por necessidade de comunicar sem precisar falar. Antes do nascimento da moda, os exércitos antigos já faziam uso do uniforme, eles acreditavam que se todos os guerreiros estivessem trajados com roupas parecidas, formando assim uma unidade no vestuário, seria mais fácil identificar quem eram seus inimigos na hora do combate. No decorrer da história percebemos que esses trajes de guerra sofreram diversas modificações e aprimoramentos, antes confeccionados de maneira rustica com materiais tipo: lã, couro e metal, na atualidade, com a ajuda da tecnologia, eles são desenvolvidos com fibras que auxiliam, ao mesmo tempo, na proteção e na ergonomia, facilitando os movimentos do soldado em guerra.

Com relação ao objeto principal dessa dissertação, percebemos que os uniformes escolares tiveram influencia estética direta dos uniformes militares. Por mais que os estudantes não fossem a guerra, as simbologias e representações que os uniformes militares passavam para a sociedade, como disciplina e seriedade, eram as mesmas que as escolas queriam que seus alunos tivessem. Uma das primeiras escolas a adotar o uso de uniforme, no Brasil, foi o Colégio Pedro II. Seu uniforme foi inspirado nos trajes usados pelos militares, como foi mostrado na figura 17.

O fardamento escolar também foi modificado durante os séculos XIX e XX. Como dito anteriormente, antes inspirados no uniformes militares, eles foram se adaptando as necessidades dos estudantes e, também, com a ajuda da tecnologia, sofreram modificações com relação às fibras dos tecidos usados. Outra modificação, que vale ressaltar, é que desde a implantação do uniforme nas escolas brasileiras, ainda no século XIX, meninos e meninas tinham uniformes completamente diferentes com relação ao *design*, durante quase um século esse hábito era comum. Somente a partir das décadas de 1970 e 1980 que as escolas mistas, os seja, frequentada por meninos e meninas, começaram a adotar o uso do mesmo modelo de

fardamento. Mostrando que a distinção de gêneros, dentro dos ambientes escolares, começava não haver sentido, pois meninos e meninas tinham as mesmas condições de executar as atividades exigidas pelas escolas, ou seja, o design do fardamento era adaptado não mais com relação ao gênero, mas o uniforme precisou ser de um modelo que as crianças e jovens pudessem realizar as atividades educacionais.

Com relação aos uniformes da Escola Normal do Ceará e do Colégio Liceu do Ceará pudemos concluir que o uniforme como um todo passa uma linguagem para todos aqueles inseridos numa sociedade. É de comum percepção das pessoas quando algum aluno está trajado com o uniforme de uma instituição, pois os modelos de uniformes, usados durante o século XX, eram parecidos esteticamente. Tanto que o fardamento feminino do colégio Liceu, que não foi analisado nesta pesquisa, é muito parecido com o fardamento da Escola Normal. A maior diferença entre ambos é com relação às cores, mas o *design* do uniforme parece o mesmo.

Durante a pesquisa foi impossível não notar o quanto as escolas Liceu do Ceará e Escola Normal remetiam a tantas boas recordações a seus ex-alunos. A resposta sempre era a mesma quando era perguntado como eles se sentiam trajando o fardamento de suas escolas de juventude: “- Eu sentia muito orgulho de fazer parte do Liceu” ou “-Eu me sentia orgulhosa por ser uma normalista”.

Essas escolas contribuíram para a formação profissional e pessoal de todos os entrevistados, pois o que era ensinado, dentro dessas instituições, era cobrado através de rigorosas avaliações. Aqueles alunos não tinham opção, eles precisavam ser estudiosos e disciplinados ou eram convidados a não fazerem mais parte daquelas instituições, que foram, no período estudado para este trabalho, consideradas duas das melhores escolas do nosso Estado.

O fardamento, além de principal objeto de estudo desta dissertação, foi também guia para contar uma parte da história de vida de várias pessoas. Ter a oportunidade de conhecer essas histórias foi tanto enriquecedor quanto descobrir como se deu a evolução do fardamento durante as décadas estabelecidas para este trabalho. Através das memórias e histórias contadas, nesta pesquisa, pudemos observar que as mudanças no design do uniforme escolar ocorreram por diversas influências políticas, sociais e até climatológicas. Esses fatores sempre

influenciaram a estética das roupas no decorrer da história da humanidade e com relação ao fardamento escolar não foi diferente.

As dificuldades para encontrar fontes bibliográficas, pessoas que estudaram na época estabelecida para esta pesquisa, fotos e documentos foram inúmeras, mas ao finalizar esta dissertação podemos afirmar que conseguimos completar o objetivo principal, que foi conhecer como se desenvolveu os fardamentos do Colégio Liceu do Ceará e da Escola Normal do Ceará no decorrer das décadas de 1940 até 1970. Esse resultado se deu, principalmente, através das entrevistas e das conversas que tivemos, não apenas com os ex-alunos das escolas, mas também com senhores e senhoras que viveram sua juventude nas épocas estudadas e que lembravam o quanto marcante foi o Liceu do Ceará e a Escola Normal do Ceará para a sociedade deste Estado.



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **Da escola normal ao Instituto de Educação do Ceará (IEC): uma reflexão a luz da história e da experiência docente no estágio supervisionado.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010. Orientação: Prof. Dra. Ana Maria Bezerra de Almeida.
- ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A Tradicional Escola Normal Cearense chega ao Bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960).** 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza, 2014. Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.
- ARIES, Philippe. **A História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BONADIO, Maria Claudia. **Moda e Publicidade no Brasil nos anos 60.** São Paulo: NVersos, 2014.
- BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CAVALCANTE, Auriberto. **O Liceu do meu tempo: volume II.** Fortaleza: Premius, 2007.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe gênero e identidade das roupas.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda.** São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2010.
- KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático.** Tradução: Clelia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- LALLEMENT, Michel. **História das idéias sociológicas: das origens a Max Weber.** Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil.** São Paulo: Editora Ímpar Produções, 2005.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos Históricos do Uso dos Uniformes Escolares: Reflexões no Campo da Educação e da Moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. 130f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

NOGUEIRA, Ana Maria Nogueira (Org.). **O Liceu do meu tempo: 160 anos de História**. Fortaleza: Premium, 2005.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2013.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **Temas Educacionais: uma coletânea de artigos**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n. 3, p. 575-588, jul./set. 2012. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/03.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RIGUEIRAL, Carlota; RIGUEIRAL, Flávio. **Design & Moda: como agregar valor e diferenciar sua confecção**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2002.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Tradução AssefKfourri. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SCHEMES, Cláudia; THÖN, Ida Helena. **A Moda Européia e o Uniforme Escolar no Brasil**. 6º Colóquio de Moda: Maringá, 2010.

SCHEMES, Claudia; ARAUJO, Denise Castilhos de; THÖN, Ida Helena. "Nem tão distantes": relações entre o uniforme escolar e a moda europeia – um estudo de caso. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 10, n. 2, jul/dez. 2013. Disponível em:< [http://www.revistafenix.pro.br/PDF32/ARTIGO\\_17\\_SECAO\\_LIVRE\\_CLAUDIA\\_SCHEME\\_S\\_DENISE\\_CASTILHOS\\_DE\\_ARAUJO\\_IDA\\_HELENA\\_THON\\_FENIX\\_JUL\\_DEZ\\_2013.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF32/ARTIGO_17_SECAO_LIVRE_CLAUDIA_SCHEME_S_DENISE_CASTILHOS_DE_ARAUJO_IDA_HELENA_THON_FENIX_JUL_DEZ_2013.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SILVA, Katiene Nogueira da. **"Criança calçada, criança sadia!"**: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - São Paulo, USP, 2006. Disponível em:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/en.php>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira. **Escola Normal do Ceará: impasses de criação e a tônica reformista**. Porto Alegre: Unisinos, 2008.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução e notas: Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, Ltda, 2008.

SOUSA, Já Moreira de. **Sistema Educacional Cearense**. MEC/ INEP- Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1961.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

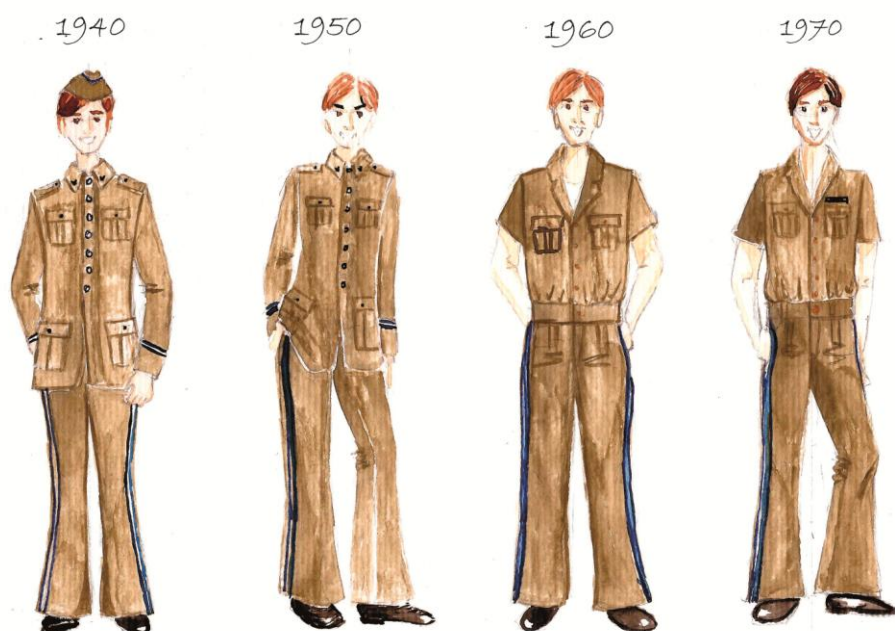
VITOR, Hugo. **O Liceu do Ceará em Cem anos**. Tipografia Iracema. Fortaleza, Ceará. 1945.

## APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

- 1- Nome do Entrevistado?**
- 2- Nome da Escola?**
- 3- Em qual época estudou?**
- 4- Como era o uniforme na época? Descrição de forma, tecidos, cores e aviamentos.**
- 5- Existia mais de um uniforme? Farda de Gala ou de Educação Física?**
- 6- Como se sentia vestido(a) com aquele uniforme?**
- 7- O que você achava que o uniforme representava para as pessoas da sociedade da época?**
- 8- Você se recorda de alguma história marcante da época que remetesse ao uniforme?**
- 9- Qual cuidado tinha com relação à conservação e lavagem do uniforme?**
- 10- Quais eram as perspectivas de futuro que você tinha naquela época?**

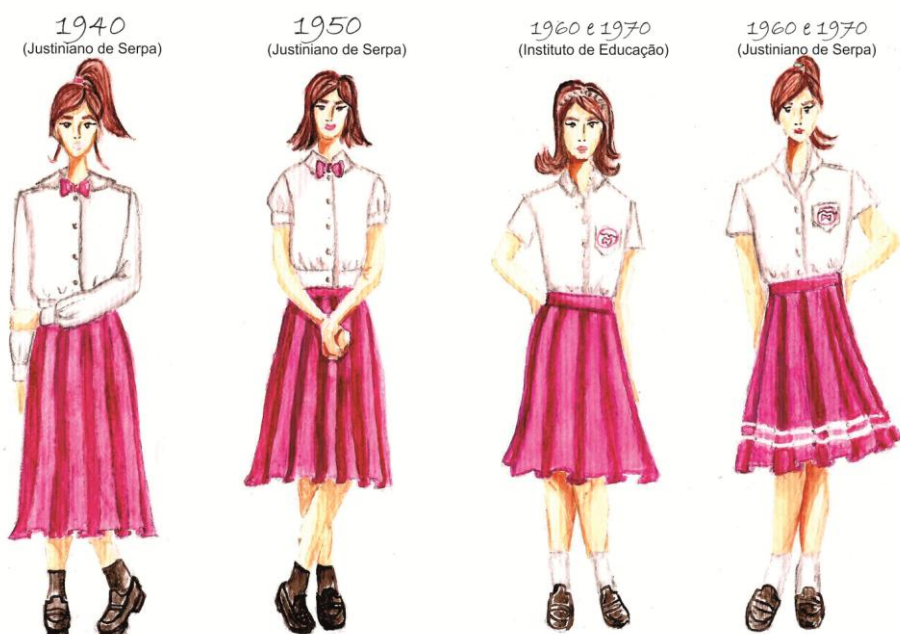
## APÊNDICE B – Ilustrações em Aquarela

### uníforme Escola Liceu do Ceará



Fonte: Ilustração em aquarela feita pela autora da Dissertação.

### uníforme Escola Normal do Ceará



Font e: Ilustração em aquarela feita pela autora da Dissertação